

Trimestral
Genebra
Suíça
Ano VI
Março
2006
Bilingue

Pessoas

nº21

encontros culturais

Distribuição gratuita

Ana Lourenço

Análises

Comentários

Contos

Crónicas

Entrevistas

Eventos

Galeria

Opiniões

Poesia

Roteiros



*Directora Clínica
na Maternidade de Genebra*

SÓ PODE TER IDO AO BES

CRÉDITO HABITAÇÃO **BES**

O Ricardo sabe onde mora a solução. Escolheu o Crédito Habitação do BES, na modalidade que lhe permite deixar 30% do valor da casa para pagar no final do empréstimo. Logo tem prestações mais baixas, logo pode ter uma casa melhor. Para quem, como o Ricardo, gosta de saber com o que conta, é bom contar com o Crédito Habitação mais completo do mercado.



**BANCO
ESPIRITO
SANTO**

Quem
sabe, sabe
e o Ricardo
é que sabe

Av. de Montchoisi, 15 - 1006 Lausanne

Tél. +41 21 614 00 14 • Fax: +41 21 614 00 15

Câmbio +41 21 614 00 16 WWW.BES.PT

E-mail: emigr@bes.ch • BESDIRECTO: 008000 24 7 365 0

Propriedade
L.C.

Director
António Pinheiro

Edição
A.P.I.C.

Chefe de Redacção
Luz Neto

Redactores permanentes

António Louçã
Benjamin Ferreira
Catarina Reis
Octávio Xisto
Paulo Morgado
P. Bártolo
Raquel Ferrari
Rosa Adanjo
Teresa Lopes

Colaboraram neste número

Alvaro Fernandes
Casimiro Oliveira
Gabriela Silva
Giuseppe Patanè
Leyla Tatzber
Luís Filipe
Luís Florêncio
Luísa Costa
Lurdes Trindade
Mafalda Oleiro
Miguel Neves Passarinho
Nuno Tavares
Rose-Mary Magnin

Grafismo e Paginação
Eduardo Pinho

Fotografia
António Pinheiro
Nuno Alves

Publicidade
Gabriel Bettencourt

Pessoas magazine
CP 1877
1211 Genève 1

Bd. James Fazy 18
1201 Genève Suisse
Tel +41 22 738 85 25
Fax +41 22 738 88 37
pessoasmagazine@bluewin.ch

Periodicidade trimestral
Assinatura
20 frs / ano – Suíça
40 frs / ano – Europa
Tiragem deste número
5.000 exemplares

Distribuição gratuita

Leia a **Pessoas** na internet
www.espacoportugues.ch

- 4-5..... Editorial
6..... Aprender até doer
7..... Por trás dos Cartoons
9..... Refundar Portugal ainda é possível
10..... Notas Soltas
12..... Via Láctea
14..... Mozart
16..... Antonio Meucci inventeur du téléphone
18..... Garcia de Orta
21..... 25 de Abril Sempre
22..... Vozes do céu
23..... Tradições da Pascoa
24..... Entrevista – Ana Lourenço
34..... A Luta
36..... A Ladroeira dos Ministros
38..... As Festas do Divino Espírito Santo
41..... Rumeur, caricature et révérence
42..... Roteiros – Região d’Hérens
45..... Brigada Ligeira
46..... Endereços úteis



Nous sommes un peuple d'aventuriers éparpillés aux quatre coins du monde et en chacun de nous bat un cœur inquiet, désireux d'être bien là où il n'est pas.

Mais aujourd'hui les facteurs économiques et sociaux du pays ont créé le départ, dans l'urgence, de milliers d'émigrants comme nous.

S'il y a des pays qui accueillent et intègrent, d'autres comme le Canada escroquent les attentes d'un meilleur destin.

Nous n'en sommes pas à nous questionner sur telle ou telle mesure qu'un pays souverain pourrait prendre à l'intérieur de ses frontières; nous nous interrogeons sur le fait que le Portugal ait oublié des milliers de citoyens une fois émigrés.

Imaginons que d'autres pays prennent la même décision et voilà que nous redouterions le spectre du "retour d'Afrique", l'instabilité sociale, le manque d'emplois à gérer, les conflits raciaux et, comme il nous fut donné de voir, la culpabilisation des "dits retournés", par l'instabilité économique. Avant que ne surviennent plus de "retours", Messieurs les politiciens, cessez de discuter sur le sexe des anges et créez des conditions de stabilité pour les Portugais, ceux qui sont là et ceux qui pourraient revenir. Le Ministère des Affaires Etrangères et les diplomates existent pourquoi?

Alors que le Premier Ministre s'applique et s'implique dans la modernisation du pays, un autre côté négatif nous est montré: la désertification de l'intérieur du pays et la fermeture d'écoles, de centres de santé et de maternités. Penserait-il à un pays comprimé dans l'exiguïté de la bande littorale?

Comment allons-nous parvenir à la qualité de vie si convoitée alors que les biens essentiels se situent à des distances si éloignées?

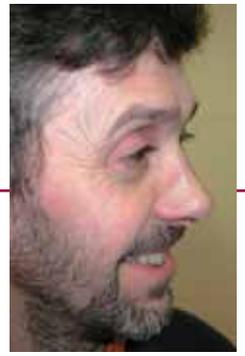
Remodelage des organes gouvernants. Nouveau Président, nouvelle suite, nouveaux éléments (?) pour la Police judiciaire (nous attendons le déroulement de l'actuelle investigation) et il semble aussi le départ si souhaité de Souto Moura – une éternisation pathétique de ce procureur – mais il s'étonne. Il n'a pas éclairé les situations de justice pendant son "règne" mais il a été rapide à découvrir des emplois et de gros salaires pour ses accesseurs qui l'ont accompagné dans le marasme de son mandat. Que lui sera-t-il réservé d'ici six mois?

D'accord, nous continuerons à payer, royalement, les "incompétences", Monsieur le Procureur, nous nous résignons...!

Et résignés nous restons un peu aussi quand nous nous apercevons que la "terreur" de la grippe aviaire répandue par les médias ne s'est, pour le moment, pas révélée si terrifiante que ce dont nous avons été constamment bombardés.

Laissons l'O.M.S. et les autres organismes similaires s'investir dans ce problème et Messieurs de la communication sociale, visez les bactéries et alertez pour les cas les plus concrets: la tuberculose, la syphilis et le sida qui tuent beaucoup plus et sur lequel nous tombons à chaque coin de rue.

Avec ce soleil printanier nous nous en tiendrons à des vœux de grandes perspectives et concrétisations pour nos lecteurs.



Somos um povo de aventureiros espalhados pelas “sete partidas ” e em cada um de nós bate o tal Scoração irrequeto por estar bem onde não está.

Mas hoje, os factores económicos e sociais no país criaram urgências de partida a milhares de emigrantes, como nós.

Se há países que acolhem e integram, outros há, como o Canadá, que defraudam expectativas de melhores rumos.

Não estamos a questionar esta ou aquela medida que um país soberano possa tomar dentro das suas fronteiras; questionamos o facto de Portugal se esquecer dos milhares de cidadãos uma vez emigrados.

Imaginemos que outros países tomam a mesma decisão e lá temos o fantasma do “retorno de África” a instabilidade social, a falta de empregos a gerar conflitos e laivos de racistas como nos foi dado ver aquando culpavam os ditos “retornados” pela instabilidade económica.

Antes que surjam mais “retornos”, senhores políticos, deixem-se de discussões sobre o sexo dos anjos e criem condições e estabilidade aos portugueses, aos que estão e aos que porventura regressem. O Ministério dos Assuntos e Negócios Estrangeiros e os Diplomatas existem para quê?

Enquanto o primeiro-ministro se aplica e implica na “modernização” do país, outro lado negativo nos é mostrado: a desertificação do Interior e o encerramento de escolas, de Centros de Saúde e Maternidades. Estará a pensar num país comprimido na diminuta faixa litoral?

Como conseguiremos a tão almejada qualidade de vida quando os bens essenciais nos são colocados a distâncias longínquas?

Remodelações nos órgãos governativos. Novo Presidente, novo séquito, novos elementos (?) para Polícia Judiciária (aguardemos o desenrolar desta actual investigação) e parece que também a tão almejada despedida de Souto Moura - uma eternização patética a deste Procurador - mas, pasme-se, não aclarou situações na Justiça durante o seu “reinado” mas foi lesto a descobrir empregos de remunerações chorudas para os assessores que o acompanharam no marasmo do seu mandato. Para ele reservará o quê, daqui a seis meses?

Está bem,! Nós continuaremos a pagar, regiamente, “incompetências” senhor Procurador, conformamo-nos...!

E conformados ficamos um pouco ao apercebermo-nos que o “terror” da gripe aviária despelotada pelos media, não se revelou, por enquanto, tão aterradora como nos bombardeavam constantemente.

Deixemos que a OMS e outros organismos afins invistam nesse problema e senhores da comunicação social, assemem baterias, alertem para casos mais concretos: tuberculose, sífilis e SIDA que matam muito mais e convivemos com elas, todos os dias, no virar da esquina.

Com este sol primaveril deixamos votos de grandes perspectivas e concretizações para os nossos leitores.

António Pinheiro

saber mais!

Aprender até doer

Por muito que nos falemos de aprender, não regressaremos à escola, aquela escola que foi a nossa primeira experiência do saber e do conhecer. Não voltaremos aos livros da escola primária para sentirmos, de novo, o cheiro da tinta fresca e a alegre sensação de uma ameaça de régua ou palmatoada. Não voltaremos aos espaços primeiros da aprendizagem mas queremos que todos os espaços sirvam, hoje, para isso mesmo: aprender.

Acabada a escola, disseram-nos que a vida estava à nossa espera, escondida no primeiro trabalho, no primeiro salário, no primeiro contrato. Mas acontece que hoje, o primeiro trabalho, o primeiro salário, o primeiro contrato, continuam a fazer parte de todos os dias da vida, sem distinção alguma de tempos, idades e regiões do país. Continuam a ser escola e vida, vida na escola e escola com vida. Por isso acabou o sossego da escola dita obrigatória, para dar lugar à permanente inquietação de aprendizagens, ditas facultativas. A partir de agora, vai ser “aprender até doer”.

Globalizou-se a economia e pretende-se globalizar a competitividade. Globalizou-se a produção de bens e serviços e pretende-se globalizar a produção de conhecimentos e saberes.

Globalizou-se a linguagem e pretende-se globalizar a comunicação entre os povos e os agentes económicos. Globalizou-se a informação e o seu acesso e pretende-se que todos serão iguais na sua partilha e na sua equilibrada difusão. Globalizou-se o saber e pretende-se que todos tenham uma quota-parte do seu valor e da sua mais-valia. Nada mais falso, se ficar sentado na

carteira da sua escola ou quieto, na cadeira do seu escritório.

As escolas românticas e melancólicas, envoltas na névoa da beira-mar ou na rudeza das montanhas transmontanas, já não existem. Ou só existem na nostalgia e saudosismo de outros tempos quando se imaginam, por exemplo, as escolas do plano dos centenários ou se cheirem, ainda, as escolas do Estado Novo.

Hoje, a escola, é em qualquer sítio ou lugar, a qualquer hora, com qualquer professor ou sem ele, em qualquer estação do ano, sob qualquer pretexto, sem campanha e livro de ponto, sem castigo ou puxão de orelhas, sem ameaças de chumbo ou alegrias de pautas excelentes.

Hoje, a escola vai ser “aprender até doer”. Porque sem aprendizagem, sem formação, sem performance, sem conhecimentos, sem falar várias línguas, sem se ser bom entre os melhores, sem ser, se possível, excelente, vai ser difícil encontrar um emprego ou manter aquele que se tem. Tão só por isso, hoje vai ser “aprender até doer”.

A escola não será precisa para se possuir um título académico e um cartão de visita, cheio de artimanhas de doutores, engenheiros, arquitectos ou sábios de coisa nenhuma. Nada disso. Vai ser precisa, dizem os que mandam e os que sabem destas coisas, para se poder trabalhar e competir. A escola vai ser precisa para se aprender sempre, até doer, para que a vida pessoal e profissional seja mais fluida e mais feliz. Por isso, esperamos que o governo do filósofo se decida a criar, brevemente, o Ministério da Formação e da Aprendizagem!

O seu site. A nossa imagem. Os mesmos objectivos.

- Alojamento Web desde 1.95€
- Domínios a partir de 7.90€
- Construímos sites profissionais

WEBHOSTPT.com
MAIS SOLUÇÕES PARA SI!

www.webhostpt.com

POR TRÁS DOS CARTONS

Em poucos dias, vários episódios suscitaram discussões sobre a liberdade de expressão. Multidões iradas de muçulmanos protestaram contra a publicação das caricaturas de Maomé num jornal dinamarquês. Alguns políticos, como o chefe da diplomacia portuguesa, Freitas do Amaral, aproveitaram a boleia das manifestações para criticar um uso “irresponsável” ou “excessivo” da liberdade de expressão. Entretanto, um tribunal austríaco condenava a três anos de prisão o historiador britânico pró-nazi David Irving, por andar a negar a existência do Holocausto.

O que está aqui em causa e o que não está?

Em primeiro lugar, não está em causa o tino dos caricaturistas dinamarqueses: podiam ser magníficos artistas ou podem ser, como parece, um grupo de medíocres rabiscadores cheios de preconceitos xenófobos. Também não está em causa a idoneidade da publicação dinamarquesa: ela podia ser irrepreensível, ou pode ser, como parece, altamente duvidosa (o mesmo editor que agora autorizou a provocação anti-muçulmana tinha recusado há poucos meses *cartoons* idênticos sobre Jesus Cristo). E, finalmente, não está em causa se a religião islâmica proíbe ou deixa de proibir aos seus fiéis a representação gráfica do profeta: esses fiéis podem observar rigorosamente a proibição, se quiserem, mas não podem pretender que os ateus ou os fiéis de outras religiões se sintam igualmente obrigados a observá-la.

O que, sim, está em causa é o direito de uma publicação a publicar disparates, provocações e caricaturas xenófobas de mau gosto e de fraca qualidade. E essa publicação, inegavelmente, tem o direito ao disparate, à provocação e ao mau gosto.

Felizmente, vozes como a de Bush ou a de Freitas do Amaral, que usavam este pretexto para

apontar no sentido de uma limitação da liberdade de expressão, foram submergidas por um amplo consenso anti-censório.

Em segundo lugar, digamos que seria mais fácil acreditar na seriedade desse consenso se ele também funcionasse em relação a afirmações que não ofendem especialmente os muçulmanos e sim o “ocidente” – incluindo aqui Estados Unidos, Europa e Israel.

Talvez o erro de David Irving tenha residido aí, e não propriamente em distorcer os factos com a chocante desenvoltura que lhe é habitual. Talvez o seu erro tenha residido em ignorar que a negação do Holocausto constitui, para além de uma negação grosseira da verdade, também um atentado contra um dos pilares ideológicos da presente ordem mundial. Era pouco provável que esse atentado continuasse impune por muito tempo.

Se o jornal dinamarquês tinha o direito de publicar os seus miseráveis *cartoons*, porque é que Irving não teria o direito de divulgar as suas infames mentiras? Porque aqui não se trata de direitos, mas de exercício do poder. O jornal dinamarquês provocou uma comunidade que, mesmo fazendo-o ruidosamente, só tinha poder para protestar. Irving provocou uma coligação de forças que tinha o poder para metê-lo na cadeia. A mesma Áustria que colocou na chefia do Estado o ex-nazi Kurt Waldheim e na chefia do governo o líder da extrema-direita Jörg Haider, colocou na cadeia o negacionista David Irving. Prova de que a verdade ou a mentira de afirmações como as de Irving nada tem a ver com a sua condenação, encontramos-na em Portugal. O jornal “24 horas” foi alvo de um mandado de busca, não por ter mentido, mas por ter dito demasiadas verdades e por ter destapado demasiadas carecas. Noutras ocasiões o mesmo jornal terá feito mau

POR TRÁS DOS CARTONS

jornalismo, ou péssimo, e terá prestado serviços ao apuramento da verdade piores do que nada fazer. Em todas essas ocasiões, ninguém lhe foi à mão, nem sequer com críticas reparadoras. Por uma vez que realizou um trabalho meritório, caiu-lhe em cima o poder do Estado, de armas em punho, a gritar “Tirem as mãos dos teclados!”

Do mesmo modo, a divulgação de séries sucessivas de fotografias sobre a tortura em Abu Grahیب levou muito recentemente o porta-voz da Casa Branca a afirmar que “não é oportuno” lançar tanta lenha na fogueira. Este é o eufemismo que a quadrilha de Bush tem para avisar a navegação de que, não querendo ir a pique ou sofrer as retaliações do poder, deve refrear a divulgação da verdade. Do insignificante Souto Moura ao poderoso George W. Bush, o princípio é o mesmo: matem o mensageiro das más notícias!

As manifestações islâmicas contra as caricaturas passam ao lado do problema, o verdadeiro problema de se manter a ocupação do Iraque, do Afeganistão e da Palestina. Sobre esta, apetece dizer que a liberdade de expressão também consiste, por vezes, no direito de permanecer

calado. E, na verdade, é isso tudo o que o Hamas pretende neste momento: poder ficar calado sobre a legitimidade da existência do Estado judeu. Mas os governos israelita e norte-americano insistem em que, a não rever o seu programa, o Hamas vai expor milhões de reféns palestinianos a uma duríssima retaliação económica. A “democracia” serviu, pelos vistos, para varrer de cena a esquerda palestinianiana, substituída pelo fanatismo beato do Hamas, e agora serve para dizer ao povo palestinianiano que não servem um nem outro e que é preciso plebiscitar alguém do agrado dos ocupantes.

Obcecadas com os *cartoons*, as multidões enfurecidas do mundo muçulmano vieram à rua por maus motivos. Mas têm outros motivos, e bons, para lutar. As potências ocidentais que franzem o sobrolho ao vendaval desencadeado no mundo muçulmano têm bom remédio se quiserem arrefecer os ânimos: invadam menos países, ou nenhuns, desocupem aqueles que invadiram, vivam e deixem viver.

Mas talvez seja pedir demais a quem tanto necessita do petróleo alheio.

**É bom
tê-lo connosco.**



Refundar Portugal ainda é possível

Neste país desalentado que aguarda, em Belém, o regresso de “El-rei Escavacado”, travestido em D. Sebastião, ainda há esperança e vida viva em Guimarães.

Mesmo “numa noite branca e fria” de Fevereiro, como cantou outro poeta, rufaram tambores anunciando à urbe que o Zeca Afonso ia receber-nos em sua Casa.

E nós lá fomos, dezanove anos após esse único e eterno andarilho abalar para outras paragens... na esperança de voltarmos a estar com ele; para matar saudades de o ver e ouvir, dar-lhe um abraço e perguntar-lhe:

Ó derradeiro trovador, que é feito de ti, que nunca mais te vi nem ouvi, entre nós? Olha que estamos outra vez encalhados por aqui. Continuamos a ler jornais, a ouvir rádio e a sentarmo-nos no sofá em frente à televisão, mas tu não nos dás cavaco. Ó companheiro, olha que precisamos cada vez mais de ti!

Mas o Zeca respondeu-nos assim:

Sabem que não gosto nada de homenagens; mas já que vieram, ao menos nunca desanimem e lutem pelos “meninos sem condição/irmãos de todos os nus” e não temam os vampiros que “dancam a ronda no pinhal do rei”.

Talvez por isso, lá estivemos todos a lembrar ao Zeca:



O futuro adiado

Por conta do papão

Neste Portugal adiado
desde o passado
estou farto do futuro anunciado
e nunca alcançado

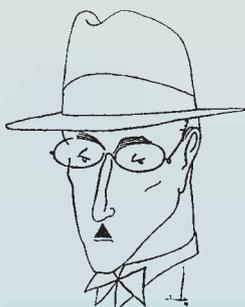
nesta terra queimada no presente
estou farto do futuro prometido
e nunca realizado

como cidadão que sou
estou farto de ser enganado
e violentado
por promessas jamais cumpridas

mas:

com a cidadania que nos resta
basta juntos, dizemos não
para tomarmos
a nossa vida na mão
e provarmos o que eles são
com razão
e sem medo
do papão.

PESSOA



Café Littéraire
simplesmente diferente





JORNADAS INFORMATIVAS CONSULARES (JIC'S)

O consulado geral de Portugal em Genebra, na perspectiva de melhor servir a Comunidade Portuguesa domiciliada na sua área de jurisdição consular, instituiu as .

As jornadas informativas consulares, de natureza descentralizada, para além de pretenderem aproximar esta instituição dos seus utentes, procurarão otimizar as condições de integração dos nacionais portugueses na sociedade da acolhimento, reforçando a cidadania, providenciando-lhes as informações e orientações necessárias e pertinentes.

No âmbito destas jornadas, em estreita colaboração com a Embaixada de Portugal em Berna e as Associações Portuguesas, o Consulado Geral irá ao encontro dos cidadãos portugueses residentes nos Cantões de Vaud e do Valais, prestando apoio e informações de âmbito diverso nas áreas social, laboral, consular, cultural e de educação, abrangendo variados temas, em articular os do Segundo pilar, Ensino do português, Direitos Cívicos, políticos e Recenseamento Eleitoral.

Durante os encontros com os membros da Comunidade portuguesa do Cantão de Vaud, serão também praticados actos consulares destinados aos nacionais ali residentes.

CALENDÁRIO

5 e 6 de Maio – das 14 às 19 h. – Moudon
Centro Cultural e Recreativo Português,
Zona Industrial *La Pussaz*
1510 Moudon

19 de Maio – 20.30 h. – Genebra
Missão Católica Portuguesa
Av. Ste. Clotilde, 14 bis, 1205 Genève

17 de Junho – 19 h. – Martigny
Centro Cultral Português de Martigny
Rue des Finettes, 55, 1920 Martigny

ACTIVIDADES CULTURAIS

Promovidas pelo Consulado Geral de Portugal em Genebra

6 de Abril – 19h., no Consulado Geral em Genebra, Rte. De Ferney, 122.

Inauguração da Exposição de fotografias de André Froireveux, “*Ombres et Lumières*”. A exposição encontra-se patente ao público de 6 a 30 de Abril.

25 de Abril – 19h., na Bibliothèque de la Cité, Genebra

Conferência de Claudine Roulet: “*L’impacte de la Révolution des oeillets dans l’ancienne colonie portugaise, actuelle République du Mozambique – expériences vécues*”.

10 de Maio – 19h., no Museu Olímpico de Lausanne

Ciclo de conferências de Pós-Graduados portugueses – Conferência de Levi Lúcio (doutorado em informática), Pedro Manso (doutor pela EPFL) e João Bruno Livramento (doutor pela EPFL) sobre, respectivamente: “*Logiciels de qualité – une relation peu connue*”, “*L’innovation dans les aménagements hydrauliques et barrages:nouvelles solutions pour la gestion de crues extrêmes*” e “*L’IRM, une fenêtre ouverte sur le corps humain*”.

10 de Junho, em Sion

Galeria de *La Treille*: exposição de pintura “*Duas Mulheres, Percursos, Olhares*”, com obras de Anabela Alvito e Cristina Werlen-Leitão. A exposição ficará patente ao público até 30 de Junho.

21h, Sion

Igreja dos Jesuitas: Concerto, Grupo Coral da Missão Católica Portuguesa de Sion, representação teatral “*Musiques et Paroles*” por Fátima Ribeiro e recital de fado por Mariana Correia e o Grupo Raízes de Portugal (entrada livre).

OTELO SARAIVA DE CARVALHO EM GENEBRA

A Associação 25 de Abril – A25A – mais uma vez, traz à lembrança o imperativo de viver Abril. Os elementos que dela fazem parte têm como objectivo principal não deixar esmorecer na indiferença quotidiana, o esforço, o arrojo dos que rasgaram no país apodrecido de então, trilhos de liberdade e paz.

Como a memória dos homens é curta, torna-se premente que haja algo ou alguém, sempre alerta para impedir que a solidariedade, o respeito pelos outros sejam palavras vãs.

Nesta rumo de ideias e com o empenhamento a que já nos habituou, a Associação 25 de Abril apresenta-nos, este ano, 2006, um programa completíssimo de actividades para comemorar o 32º aniversário da Revolução dos Cravos de 1974.

O convidado de honra para estas manifestações é o sempre, para nós “Capitão de Abril” **Otelo Saraiva de Carvalho**

Sexta-feira, 28 de Abril, as actividades desenrolam-se nas instalações do **Sindicato UNIA, 5, Chemin Suriname – Charmilles.**

Sábado, 29 de Abril, na Salle du Faubourg, 8 rue Terreaux -du-Temple (St. Gervais)

Espaço Júnior – actividades com e para criança, actuação de ranchos folclóricos juvenis, teatro, danças, projecção de filmes, sessão de fado, apresentação de livros, exposição dos trabalhos, baile e animações.

Refira-se que, para todas as actividades, há livre entrada e durante qualquer delas, o público poderá sempre contar com o serviço de bar e pequena restauração.

HORA –LUSITANA

O seu programa de Rádio em Língua Portuguesa.

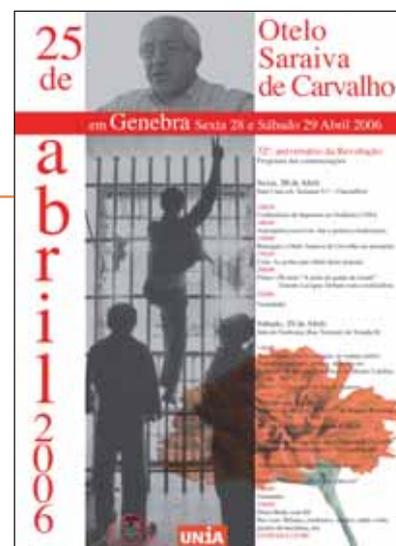
Há 18 anos que em português nos entendemos!

Parabéns à Cultura e entretenimento! Parabéns ao Programa Radiofónico – HORA-LUSITANA

A APIC – *Association Portugaise d’Information et Culture* – nasceu para que os projectos tivessem base legal uma vez que é o Programa Radiofónico, em Língua Portuguesa, todos os Sábados e Domingos das 13h00 às 15h00, a menina dos olhos da APIC. Era necessário informar e comunicar com a comunidade portuguesa e comunidades lusófonas. Trazer para o seu seio a música, a cultura o entretenimento, a história, as tradições. Apostou-se em elementos dinâmicos –10 – que, apesar de amadores, cedo desenvolveram as aptidões técnicas para manter este programa de em Língua Portuguesa, no ar, e sempre em directo, há mais de 18 anos. O auditório, muito vasto e heterogénio, é o desafio constante para esta equipa da Hora Lusitana que reúne ouvintes em todo o Arco Lemanique e vizinhas regiões francesas.

Se atendermos à variedade dos temas tratados nas Emissões, à constante actualização da música portuguesa, à ética do programa, limpo de tendências políticas, religiosas e afins; podemos atestar bem a idoneidade e liberdade de expressão entra a nossa comunidade. A Hora Lusitana criou, ao longo dos anos uma independência intrinsecamente favorável para os milhares de ouvintes que a sintonizam aos fins de semana.

Rádio e Cultura são duas palavras que não se dissociam. Por isso, a **Hora Lusitana escolheu o dia 10 de Junho, Dia de Portugal de Camões e das Comunidades Portuguesas** para festejar o seu **18º aniversário** com as pessoas mais importantes das suas Emissões: os ouvintes. Dos festejos constarão actuações de Grupos Folclóricos, Grupos de Música Tradicional Portuguesa, Grupos de Dança Moderna e um espectáculo com o Grupo D’ZRT.



Sofrer assim é amar-te tanto

Sofro hoje que te não vejo
Sofri ontem porque te não vi
Sofrerei amanhã da incerteza de te ver
Sofro pois constantemente
Quando do meu olhar estás ausente
Sofro sempre ao não saber de ti
Sofro por não te ter fisicamente aqui
Sofro de estares sempre no meu querer
De ocupares todo o meu pensar
Sofro porque te quero amar
Sofro pois sei que sentes
Que este meu coração perdido
Chora por te amar loucamente
Sofro sofrego do amor que tens para me dar
Sofro por não dizer, bem alto gritar
Do que sinto, quero, penso de ti
Sofro porque és do meu pulsar a razão
Es ar que respiro no tempo
Luz da vida no meu espaço
Es o espelho desta paixão e não estás
Sofro porque não tenho na mão
A tua mão para voar
Sofro hoje por não te poder tocar
Sentir o odor do teu corpo
Acarinhar-te, acariciar-te, beijar-te
Sofro pois da tua boca não provo
Do teu respirar, o teu existir
Sofro pois és elixir
Desta existência efémera
Que se esfumará sem ti
Sofro tão somente
Porque quero sofrer de te amar
Sabendo-te ausente e sempre presente
Dando cor ao meu pensamento
A cor da minha dor
Anjo negro do meu sofrimento
Quem és tu meu amor

És o Meu Anjo Negro

Odraúde

Mãe

Mãe, o manto com que me envolves,
É feito de ouro e cetim.
Foste tu que o teceste
De tanto gostar de mim.

O teu amor é o meu ninho,
O telhado de minha casa.
Mãe, se eu fosse um passarinho,
Escondia-me debaixo da tua asa.

Ser mãe é a maior maravilha,
Mistério que a ciência nunca
Saberá desvendar
Uma mãe, mesmo sem ter nada,
Ela partilha,
O mundo que tem para dar.

Se a ciência tivesse mãe,
Iria entender, sem perguntar.
Porque ter o amor de alguém,
É o melhor bálsamo
Que a vida soube inventar.

Edite Correia

Tu

Tu, ser sublime que invades todas as minhas vontades
Preenches o tempo total dos pensamentos meus
Ocupas todo o espaço dentro de mim
Envolves com tua aurea todo o meu ser
Em ti sou o que de mim não tenho

Eu amo-te

Somos corpos, mentes, fluidos em uníssono
Permanentemente te revejo, sinto-te aqui
Tu és os passos que movem o meu tempo
Somos um só para a eternidade
Em corpos e almas que se envolvem

Eu amo-te

Tu és o ar que me circunda e eu te respiro
És o fruto da vida de onde me alimento
A tua existencia envolve todo o universo e estamos sós
Tu és a existencia suprema do meu sonho
Tu, ser sublime, de todo o meu coração
Até ao desfalecimento total das minhas forças

Eu amo-te

Odraúde

Mãe

Sei que passaste por aqui antes de partires,
mas já não te pude dar um beijo,
não pude dizer-te adeus.
Também não era essa a tua intenção.
Sei que quiseste ver-me uma ultima vez,
estou certo que o fizeste.
Passaste por aqui, por mim, foste ver
os meus irmãos, visitaste os teus netos,
olhas-te para todos os que te quiseram bem,
atardaste-te sobre o meu pai, recordaste
todas as boas lembranças, e foste embora.
Como um pássaro vindo do paraíso,
abriste agora as asas e voaste rumo ao
infinito, rumo à eternidade.
Foste uma flor que radiou nesta vida,
cuja última pétala acaba de cair,
e eras tão bela, mãe.
Partiste deixando tão doce recordação,
bem viva dentro de mim.
A recordação do teu olhar onde brilhava a
minha luz, dos teus gestos cheios de magia,
e ternura, do teu pensamento onde eu
sentia o bater do meu coração.
Mãe, deste-me todo o meu ser e agora
não te tenho.
Desta vida partiste e foste abraçar outras
paragens mas aqui, no meu coração
deixaste gravado profundamente o amor
que me deste, e enquanto este bater,
estarás sempre presente.
A tua singela imagem, a tua simplicidade,
a tua beleza, mãe, guiar-me-ão toda a
minha vida.
Estou-te grato de ser o que me quiseste dar.
Até sempre querida mãe,
porque unidos estaremos eternamente.

Eduardo

Tempo

Bem haja esta rosa que atravessa o tempo
em simplicidade, decidida, verdadeira, em pureza.
Independentemente dos espinhos que porta
do seu espaço; segundos, minutos, horas, dias... o tempo.
Naturalmente passa serena deixando sinais de ternura,
união, amor, paz, de alegria, de beleza.
Anda comigo, dá-me a tua mão. vamos ser esta rosa,
assim tudo será perfeito, no nosso espaço tempo
remaremos contra correntes, buscando objectivos
daremos o melhor de nós, pela felicidade... é que, sabes
ontem foi o mesmo que será amanhã e hoje.

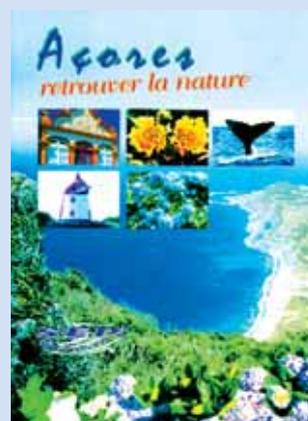
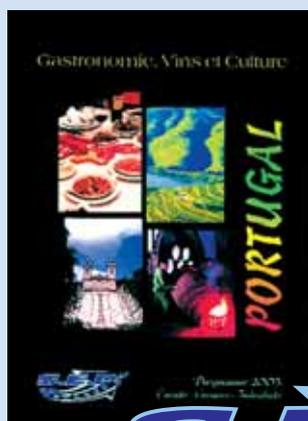
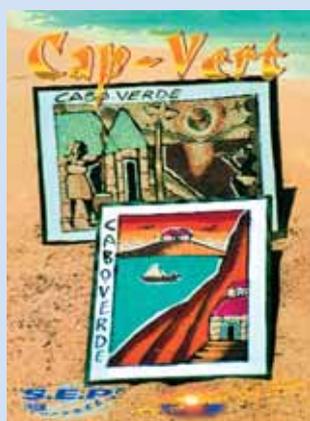
Eduardo





250 anos do Génio

Com a iniciativa que o título indica, vai o Coliseu do Porto homenagear o compositor austríaco, assinalando os 250 anos do seu nascimento. E também o mundo porque o *Wolfgang Amadeus Mozart* tem génio que é património cultural de todos. Se alguma vez a minha crónica de “PESSOAS para pessoas” que nesta revista periódica escrevo, é fiel às análises e conteúdos que procuro transmitir, no perfil de *Mozart* ponho maior empenho, nesse mito de homem exemplar mas duro para com ele até à morte. Foi menino prodígio, dizem, porque a “essência da música lhe produzia na alma espasmos de dor”, mesmo antes dos treze anos. Mas o mito de *Mozart* não existe, embora favorecido pelos deuses e perseguido por seres inferiores. O talento sim e sujeito à inveja do seu triunfo. Como nunca “preguiçou à custa do trabalho e apesar de não ter aprendido a dar valor ao dinheiro” ou, talvez por causa disso, venceu no jovem o triunfo do talento.



A Agência que lhe propõe e aconselha com dinamismo todos os destinos das suas férias, segundo o seu desejo.

Solicite os nossos catálogos!



L'agence qui vous propose et vous conseille avec dynamisme toutes les destinations de vos désirs.

Demandez nos catalogues!

www.sepvoyages.com
agence@sepvooyages.com

Mozart



A inveja do talento

Em nenhuma outra época mostrou a razão humana tanta confiança em si mesma como no séc. XVIII. Nasce um espírito anti-histórico, digamos, crítico que a influência da Renascença e da Reforma proporcionaram. Uma emancipa um humanismo libertador; outra provoca a religião. Desta dualidade nasce um ímpeto de mudança na Europa das Luzes.

O Período Clássico é cheio de alterações de grande alcance na história da música e particularmente no estatuto social dos artistas da época: a libertação do compositor da sua dependência da nobreza e do clero e a sua metamorfose em artistas autónomo. *Mozart* representa a transição do compositor de corte para o artista que produz para o mercado livre. O patrão de *Salzburgo* era o Arcebispo, que comandava toda a hostilidade contra o talentoso jovem. Desprezo e perseguição alimentados numa corte de gente lacaia de sua Excelência Reverendíssima, obrigaram *Mozart* ao calvário da fuga para Viena onde, afinal, a sua fama atingiu o auge porque o talento não morre asfixiado pela inveja.

O triunfo do talento

A música de *Mozart* reflecte perfeitamente a cultura europeia do seu tempo. Uma arte que ultrapassa fronteiras, incorporando o melodismo italiano, a elegância e a lucidez dos franceses e a coerência e orquestração dos

alemães. É um mestre do clássico que, como estilo, evoca a simplicidade e ordem da antiguidade greco-romana.

Evoca mas não copia nem corrompe. Incorpora as mensagens como todos os movimentos artísticos, literários e filosóficos do século XVIII que exprimem um novo conceito do mundo. É o século das ciências exactas.

A Sinfonia é a expressão musical por excelência é a gramaticação da Sonata, conjunto concertante de vários instrumentos que apontam todos para um resultado colectivo no efeito harmónico. O mestre desta estrutura é *Haydn*, 24 anos mais velho que *Mozart*. Entre os dois artistas há uma cumplicidade afectiva e cultural de peso. *Haydn* é o “padrinho da música de *Mozart*” a quem reconhece a grandeza do génio.

A novidade em *Mozart* é a ópera que revela a sua personalidade complexa em todas as suas facetas. Criou linhas melódicas que exploram perfeitamente toda a naturalidade da voz humana. Viena admira-o e glorifica-o. É o triunfo do talento que impõe ao mundo um homem que a morte ceifou aos 35 anos.

Mozart conseguiu resolver todos os anátemas com o génio criativo e espirituoso das suas óperas: o *Singspiel* – espectáculo popular e teatral do mundo germânico – e a ópera bufa convenceram todos os compositores da centralidade e erudição que *Mozart* imprimiu ao Classicismo do seu tempo.

Il y a 150 ans, le Toscan inventait le téléphone



u début du siècle passé, un célèbre humoriste demande à l'une de ses connaissances à l'esprit notoirement chauvin:

“Connaissez vous l'Italie?”

Pas même de nom (ce quidam voulait sans doute venger Vercingétorix).

Il y a quelque temps, j'ai rencontré l'écrivain Dominique Fernandez, l'érudit, le magnifique spécialiste de l'Italie du baroque, de l'opéra, de son génie en général. Combien sont-ils les nouveaux Stendhal en France? Une dizaine tout au plus, alors qu'à Neuchâtel, son université supprime joyeusement sa chaire d'italien!

Les responsables d'outre-Jura, hélas, semble exalter une certaine francophonie jusqu'aux confins de la Terre tout en ignorant superbement tout ce qui se passe chez leurs plus proches voisins.

Florence ou Rome, par exemple, semblent être à des années-lumière de Paris. Certes, ce n'est pas

ainsi que l'on construira une Europe fraternellement unie!

Le mercredi 28 mai 2003 se passe en Italie un fait de toute première importance qui, pourtant, n'est pas relevé par la presse écrite ou télévisée de langue française: après 172 ans d'exil américain, le corps d'Antonio Meucci revient à Florence, sa ville natale, accompagné de nombreuses personnalités d'outre-Atlantique, d'une forte délégation des “Figli d'Italia” des États-Unis, et des autorités italiennes.

Il reposera à Santa Croce, à côté d'autres Italiens illustres; seul manque Dante, retenu depuis toujours à Ravenne. Du récent transport d'Alexandre Dumas au Panthéon de Paris, le monde entier prend connaissance alors que les honneurs décernés à Meucci n'ont connu, répétons-le, aucun écho sérieux.

Or c'est lui, Antonio Meucci (1808-1889), l'in-

Millennium

bcp

A v i d a i n s p i r a - n o s

Genève:

Rue de Lausanne 54 • 1202 Genève
Tel. 022 908 38 48 • Fax 022 908 38 45
Tel. câmbio 022 908 38 40

Lausanne:

Place Chauderon 18 • CP 5343 • 1002 Lausanne
Tel. 021 320 99 32 • Fax 021 312 46 34
Tel. câmbio 021 323 51 34

Zürich:

Wyssgasse 6 • 8004 Zürich
Tel. 044 296 60 40 • Fax 044 240 50 45
Tel. câmbio 044 240 50 46

Antonio Meucci

venteur du téléphone, et non pas Bell, le copieur, l'imposteur, l'usurpateur, comme le définissent les journaux italiens: "Bell, l'inventeur inventé"!

Le 11 juin 2002, la Chambre des représentants des Etats-Unis confirme à l'unanimité Meucci comme étant le vrai et le seul inventeur du téléphone; elle estime que la vie et l'œuvre d'Antonio Meucci doivent être connues et reconnues dans le monde entier. Il y a en réalité trop de personnes qui n'arrivent pas encore à se libérer totalement de la farouche résistance d'un mensonge qui a trop longtemps été répété.

De Florence à New York

Antonio Meucci, né à Florence en 1808, mort à New York en 1889, s'intéresse dès son plus jeune âge aux phénomènes électriques; il admire les expériences de ses compatriotes Alessandro Volta et Luigi Galvani.

Mêlé aux émeutes de 1831, il quitte le Grand-Duché de Toscane pour émigrer d'abord à Cuba, où il travaille comme machiniste dans un théâtre, puis à New York où il crée une fabrique de chandelles.

En 1856, en développant son projet conçu à Cuba pour communiquer ses ordres de chef machiniste à ses divers collaborateurs sans inutilement importuner les spectateurs, il construit le tout premier téléphone avant qu'un autre Italien, Guglielmo Marconi, ne réalise la télégraphie sans fil.

Meucci présente son invention dès 1860 dans un journal local de langue italienne. En décembre 1871, il dépose une demande provisoire et payante de brevet pour sa découverte, à Clifton. L'année suivante, il montre son invention à "New York Telegraph Company", qui non seulement ne procède pas officiellement aux expériences proposées mais oublie même de restituer le matériel remis en toute confiance. Meucci n'ayant pas les moyens financiers de prolonger sa demande provisoire de brevet, celle-ci expire en 1874. En



1876, un brevet est accordé à Graham Bell, mais en 1887, les autorités américaines tentent d'annuler le brevet attribué à Bell, dans un procès por fraude. En octobre 1888, une compagnie américaine se dresse contre une soi-disante Compagnie Bell.

La Cour suprême des Etats-Unis décrète que le "Téléphone Bell" doit prendre le nom de "Téléphone Meucci". La Bell Telephone Company s'est donc servi d'un brevet d'une façon fort discutable, incorrecte, c'est le moins que l'on puisse dire! L'affaire semble se clore par la mort de Meucci en 1889, et par l'expiration du "brevet" de Bell.

Antonio Meucci et le Risorgimento

Antonio Meucci, né en 1808, n'est pas seulement l'inventeur du téléphone, c'est aussi l'ami fidèle du Niçois Giuseppe Garibaldi, né en 1807, le Héros des Deux-Mondes. Après la chute de la brève République romaine et la mort de sa femme Anita, en exil à New York, Garibaldi en 1851 travaille quelque temps dans la fabrique de chandelles de Meucci à Staten Island.

Disons encore qu'il existe à New York un Meucci Memorial Museum, qu'en 1957, le 150^e anniversaire de la naissance de Garibaldi est célébré aux Etats-Unis dans la maison d'Antonio Meucci. Antonio Meucci, un talentueux chercheur, un inventeur, un patriote de l'Unité nationale de l'Italie, de son Risorgimento, un brillant aventurier? Aventurier, sans doute dans l'acception la plus noble du terme.

Garcia de

médico do Renascimento e

Companheiro de grande curandeiro
Procurava, por vales e montanhas,
Ervinhas e plantas, com ou sem cheiro,
Que curassem doenças, nas entranhas.

Judeu por dentro e cristão por fora,
Ao sábado de camisa lavada,
Vive com receio, a cada hora,
De preciosa vida ser ceifada.

No Oriente, se julga protegido
Dos bufos e esbirros da Inquisição
Que vão no encaço do foragido.

Depois de morto conheceram
A impertinência da traição,
Esqueleto exumam e incendeiam.



Garcia de Orta (1501 – 1568), de origem judaica, natural de Castelo de Vide, é um médico dos mais eruditos do seu tempo, tendo estudado nas universidades espanholas de Alcalá e Salamanca.

Sentindo-se em perigo, em Portugal, ruma para o Oriente, vindo a estabelecer-se em Goa. Colecciona plantas que multiplica e estuda em horto, viaja, continua a estudar e a dar consultas, tendo algumas altas personalidades orientais sido seus pacientes.

Um dia recebe um curioso visitante e velho companheiro de carteira, Ruano. Este propõe que passe para papel uma tão vasta experiência acumulada sobre os segredos curativos das plantas. A obra, *Colóquios dos Simples e Coisas Medicinais da Índia*, convida-nos a uma viagem de iniciação ao infundável mar atormentado do corpo humano com sintoma de doença. As principais características das plantas, as regiões onde se encontram, os

nomes que tinham, são passados em debate. A obra restitui-nos uma parte destes saberes ancestrais para nos curarmos duma série considerável de males. Os resultados obtidos provinham de plantas que conhecia profundamente, que não foram “cortadas” pela intervenção de outras misturas... Descobri-las ou identificá-las requer, por vezes, boa dose de engenho, trabalho, paciência e dinheiro. As tisanas de folhas fervidas, o mascar de folha, fruto ou casca, são apresentados como mezinha curativa, cuja autenticidade do remédio e efeitos foram sentidos na primeira pessoa. Obra prática, ocasião de dar a conhecer as virtudes de várias dezenas de plantas ou árvores, soma de conhecimentos, junta numa abrangência panorâmica.

Os dois amigos cúmplices, ou então o aluno caloiro e o mestre construído de experiência, podendo um e o outro ser o mesmo, vão passar *à lupa* o que lhe foi dado ler nos livros antigos, enquanto estu-

Orta

de sempre

dantes universitários e confrontá-lo com o que Garcia de Orta viu e aprendeu no Oriente. A diarreia, prisão intestinal, efeitos diuréticos, são-nos descritos por um médico que serve de cobaia antes de prescrever seja o que for aos seus pacientes. Ruano não hesita em dizer que gostava de ter tido um mestre que dominasse, como o seu velho companheiro, estas maravilhas da natureza e o seu potencial terapêutico. Tudo aí está, a explicação clara e completa dos termos por que eram conhecidas em várias partes do Oriente, com os efeitos de cada uma, particularmente os males que podiam curar. Para a época uma verdadeira bíblia da saúde, o último patamar do conhecimento: efeitos físicos e mentais, energéticos, emocionais, curas naturopáticas, curas de revitalização com base em plantas, algumas com poderes estimulantes, inventivos, calorosos, que permitem conhecer segredos do amor e da vida privada.

As muitas utilizações da palmeira, a árvore mãe que quase tudo dá: iluminação, alimentação, vestuário, viagem, saúde; o âmbar, essa resina das praias de proveniência quase desconhecida e de que textura e de que cor é a melhor. As especiarias da paisagem gastronómica de então e de hoje: pimenta, canela, cravinho, a noz moscada, difícil imaginar como poderíamos passar sem este ramo de sabores sublimes que se prestam a um número infinito de preparações culinárias e que nos dão a extensão das suas virtudes gustativas, saboreiam-se mesmo sem fome. Só de uma planta não quer sentir os efeitos, se bem que os tenha descrito sumariamente, a partir da vivência de outros. Por que se recusa a tal? Quebrava tabus da moral? Tem medo de perder a inocência? De ser um naufragado no mar da indecência? Receia trilhar caminhos estranhos de redenção ou perdição? Falta de palavras para explicar ou descrever o inexplicável? Confrontamo-nos com



O Bangué



Planta do Tabaco

uma, duas, quatro, oito... páginas em branco nos *Colóquios*... Atracção irresistível nos move de escrever meia dúzia de linhas de rascunho, de dar um pontapé no carnívoro formigueiro da existência humana com drogas. A bebida alcoólica, o anfião, afogava a dor, a angústia, o estado depressivo, mas por pouco tempo, por terras orientais. O bangué ou ópio era usado por grande ou pequeno, pobre ou rico, homem ou mulher, soldado ou capitão, à discrição, na Índia. O ópio era usado como fortificante, antidepressivo, afrodisíaco, tranquilizante e libertador do espírito. Apesar da vaga de interesse suscitada em todos os grupos e camadas sociais. Garcia de Orta desvincula-se do colectivo. Recusa sentir-lhe os efeitos... Camões, seu amigo e discípulo de um saber em torno de especiarias e plantas medicinais, que mostra ser grande em *Os Lusíadas*, sente as mesmas reticências ou pudor? No portal de *Os Colóquios*, Luís Vaz canta uma ode aos mágicos da saúde, ao duelo homérico cujos ecos não deixaram de sentir todos os que viveram sob um império qualquer de submissão ao homem, às ideias recebidas ou à dor.

Se a heroína dava lucidez, sensibilidade, o que se debatia com a criatividade em obra literária ou artística não hesitaria em *embarcar* e juntar-se aos *super-humanos* que vivem num outro plano, meio desembaraçados do invólucro carnal e da cortina da tacanhez. Quando o uso era feito antes da relação sexual, usufruía-se da iniciativa numa relação total e dominadora. Era o viagra do século XVI. E ainda havia outros menos procurados. No bangué, homem ou mulher, encontram-se nos confins do erotismo, dando livre curso aos fantasmas mais loucos... durante tempo tórrido no desfrutar de prazer sem fundo, em relação tocada pelo adultério? Recua para não responder aos efeitos, ou, porque os muitos usos não evoca-

Garcia de Orta

médico do Renascimento e de sempre

vam nada de muito católico, nem de edificante? Permitia assim descobrir um universo de prazeres insuspeitos, de excitação, abrir o esconderijo do grande amor, à margem de obstáculos. Permitia viajar sem passar por meio de transporte tradicional. Provocava o desdobramento da mente e do corpo. O Sultão Bandur drogava-se ao mascar as

sementes e folhas do banguê, durante a noite, e *viajaria*, confessava, com frequência pela Arábia, Brasil, Portugal. Muitos eram levados pelo charme: o viajante, o servidor, o detective... Enquanto durava o efeito tinham um passeio feliz e investigação curiosa. A viagem astral do amigo, sob o efeito do ópio, será puro sonho? Poder-se-á tomar por realidade ou será informação delirante?

Recolhem-se nos hospitais de hoje as vivências mais incríveis no limiar da morte, no limiar de um ir, de um estar e de um voltar.

Sonhos, fantasmas, realidades? Mesmo os médicos que nele embarcam, sem droga como motor de arranque, mas levados pelo acidente ou a doença, não têm pejo em falar da experiência. O vivo liberta os viajantes de uma carcaça corporal, fazendo-os interrogar sobre o enigma da alma e da morte, confrontando-os com um dos maiores mistérios da humanidade.

Infelizmente, nos dias de hoje, o flagelo da droga catapulta o homem para uma montanha russa

onde se começa por rir e por fim se tem o credo na boca, na vertigem do abismo. Este porto de paz não será tão tranquilo como pode parecer. Ao recusar viver, sentir os efeitos do ópio que teria ganho Garcia de Orta? Nunca cair na sua dependência, nunca cair na degradação das faculdades naturais. O elixir da vida, a eterna juventude que permitiria a cada um amar como se estivesse eternamente jovem, tem limites, também se esgota. O uso, antes e hoje, provoca um comportamento estranho para não dizer bizarro, um riso parvo, viagem para outro espaço e dimensão donde será difícil regressar à realidade da vida! O efeito destruidor do ópio, quando tomado para tantos fins, deixa sequelas incuráveis.

Hoje é usado como analgésico em determinadas intervenções cirúrgicas. Em 1994, no mês de Maio, num monte do *Appenzel*, local de prática de parapente, um pequeno preciosismo sobre o alvo, na aterragem, valeu-nos uma luxação no cotovelo esquerdo. A breve hospitalização de duas horas passou por anestesia total de 10 minutos e deu-nos a possibilidade de voar nas asas do ópio. Vivência mínima, mas dela recordamos que a descida à Terra nos permitiu, durante um ou dois minutos, desagrilhoar a língua alemã, acumulada durante anos e falar sem peias. Depois a persiana fechou. Não será a poder de ópio, tomado livremente, que a voltaremos a abrir.

Garcia de Orta foi julgado pelo *Tribunal da Inquisição*, já depois de sepultado, por ter escondido, em vida, informações sobre a verdadeira identidade do credo religioso. O processo e a punição chegaram tarde. Garcia de Orta já não se deu conta do funcionamento da espiral dos interrogatórios que começavam em doçura e acabavam num angustiante pesadelo e tortura.



Tratado das Drogas e Medicinas

25 de ABRIL SEMPRE

Não podem negar a história,
Não podem roubar-nos da memória,
O que a história vai guardar para sempre.

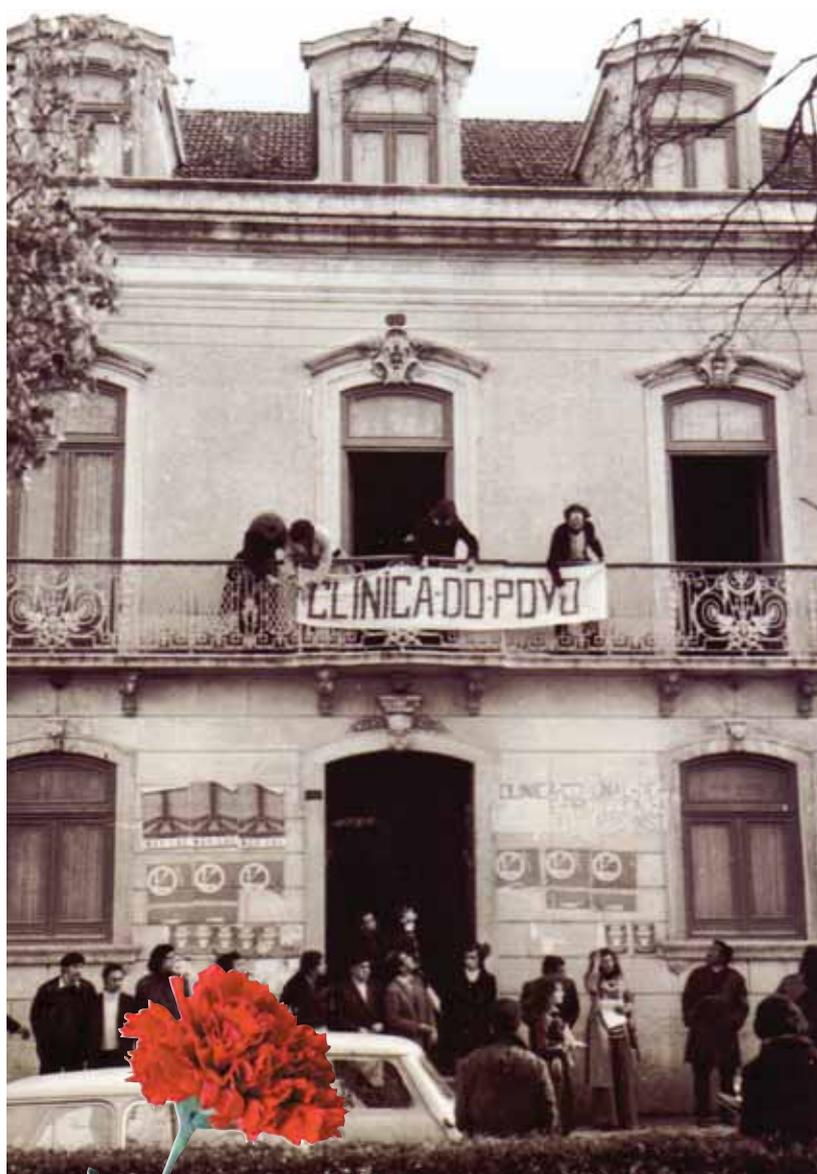
Caxias, Peniche, o Tarrafal,
A pide, os bufos, a guerra colonial,
Um povo com fome,
Um povo com medo.
A dignidade, só no degredo.

Vinham de noite
Roubar-nos os sonhos,
Eles próprios
Não podiam sonhar,
Tinham medo
De sonhar com a liberdade,
E que ela os viesse despertar.

E queriam respostas
Ao que tu não sabias,
Ao que tu não dizias,
Porque os HOMENS não falam.
Mesmo sabendo que os vão matar.

E fomos espalhando
Ao acaso pelo mundo,
A força, o suor,
A vontade de viver.
Mala cheia de saudades,
Mais não podia ser.

Até que em Abril de 74
A 25 de madrugada,
Em quarenta anos
Pela primeira vez,
Um povo todo acordava
Com o orgulho de ser português.



Vozes do céu

Em Lisboa, nessa urbe imensa cheia de carros, autocarros, metros, comboios, motas, gente a correr, sirenes a apitar, onde ninguém se conhece, podes tombar no passeio com um ataque cardíaco que ficas lá, o pessoal desvia-se do teu corpo inanimado para não o pisar, vá lá, e só quando alguma alma mais compassiva ou com mais tempo se dá ao incómodo de parar, é que chama a ambulância e te levam, com alguma sorte ainda chegas vivo ao hospital. Nessa urbe da lufalufa e da indiferença, ainda há recantos pacatos. Ora eu tenho o privilégio, diria supremo, porque supremo privilégio soa bem, de viver num recanto desses. A gente sai de casa manhã cedo e já a nossa merceira com os braços e as pernas em chaga (mas em que espelunca pernoita esta santa mulher para ter assim o corpo maltratado, pergunto-me enquanto me avio) arrasta os caixotes da fruta para fora (noite fechada arrasta-os para dentro, parece mania) e a gente diz bom-dia; o Lopes, que vende frangos, estaciona à porta da sua churrascaria, em camisola de alças (de verão e de inverno não veste outra coisa), sorridente e com o peito à mostra, agora anda um pouco mais macambúzio, desde que a mulher se pôs ao fresco, muito provavelmente enjoou o cheiro dos galináceos, dou-lhe razão, é difícil de suportar; o Jorge do talho também é madrugador, às seis já está a retirar do imenso frigorífico pernas de cabrito, cachaços de boi, lombos de porco, peitos de frango, perus inteiriçados e a dispor meticulosamente a carne morta na sua montra asseada. Mais tarde abre a lavandaria, entro para deixar umas revistas com quinze dias de atraso, as senhoras gostam de ler qualquer coisita para entreter, mais abaixo vislumbro o sapateiro, num cubículo escuro com cheiro a graxa, meio escondido por paredes de sapatos desventrados. A gente sai de casa e vai dizendo bom-dia, boa-tarde, até logo, como está.

Falta o polícia reformado. O polícia reformado habita um primeiro andar com vasta varanda sobre este território. Está reformado, mas mexe. Mexe tanto que às vezes manda uns sopapos no neto, que aliás não surtem o efeito esperado, porque o hábito cria uma almofada amortecedora, física e psicologicamente falando, como muita gente sabe. Pois o nosso homem, por hábitos inculcados ao longo de toda uma carreira, permanece activamente polícia, embora das funções dispensado. Também se levanta cedo. Surge no cimo da sua vasta varanda, de pijama às riscas, um verdadeiro pijama tem de ser às riscas, e clama, sempre a propósito. O carro está bloqueado? É do talho. É da agência de viagens. É de um freguês. Tem de ir à praça. Esse não pertence à rua. Não leva o guarda-chuva? Olhe que davam chuva para hoje. Depois o nosso polícia recolhe-se para aparecer mais tarde, no seu posto, já barbeado. Espreito na loja dos animais. Ainda não abriu, só abre às onze - sempre a propósito a voz do alto. O nosso polícia esteve de baixa uns tempos. Apareceu-lhe uma coisa má, mas ele pôs o médico à vontade: se é para tirar, tira-se já. E o médico tirou-a. No momento certo. Se estivesse à espera não me safava, contou mais tarde. Durante umas semanas não compareceu na sua vasta varanda. Mas quando a coisa má foi dominada, ressurgiu.

Saio manhãzinha, de vestido encarnado e vinda de cima, a voz inevitável: assim é que é, vestida com as cores da nossa bandeira, temos de torcer por Portugal. Isto era no tempo em que por cá se disputava um campeonato europeu de futebol. Será comigo? Levanto os olhos para cima e lá está o nosso polícia reformado, em pijama, com as mãos apoiadas no parapeito da sua vasta varanda, guinchando para a rua toda. Só me faltava esta, a meter-se com o meu vestido!

Tradições... da Páscoa



Depois de nos termos debruçado um pouco sobre as tradições de Natal, reis e Carnaval, vamos hoje referir-nos às da Páscoa, visto estarmos no ciclo próprio desta celebração.

Tal como o Natal, também a Páscoa não é celebrada com manifestações muito ruidosas, mas sim com um sentimento de íntima alegria e contentamento. Há até um ditado popular que exprime esta alegria, pois quando se quer demonstrar que uma pessoa está muito satisfeita, diz-se que: está contente como uma Páscoa.

Depois daqueles dias tristes da Semana Santa, em que se recorda o Drama do Calvário, com procissões de penitência, celebração dos Passos, Via-Sacra, etc., chega, enfim, o Sábado de Aleluia a lembrar o trunfo de Cristo sobre a morte e o pecado.

Uma das tradições que tem resistido, e ainda perdura, é repicar o sino à meia-noite. Portanto, a rapaziada nova, espera com ansiedade as 24 horas para serem os primeiros a dar a grande notícia. O toque prolonga-se por toda a noite e durante todo o Domingo, rendendo-se uns aos outros e até os mais pequenos gostam de dar as suas badaladas, muito desajeitadas.

Tradição muito querida do povo é a “Visita Pascal” ou “Benção das Casas”.

Em tempos idos, fazia-se todos os anos; presentemente, com a falta de elementos do clero, é de anos a anos havendo aldeias onde já não se faz. É das horas mais alegres das festas pascais. Com que esmero as donas de casa põem tudo a brilhar porque “porque vem Nosso Senho a casa”!

Há flores por toda a casa e até as escadas exteriores são enfeitadas com espadanas e o chão atapetado com margaridas, campainhas e outras flores.

Vem o Pároco acompanhado pelo mordomo com a cruz paroquial, dois homens com lanternas a ladear, um rapaz com a “água-benta”, outro que recolhe as ofertas e ainda outro que, à frente, com a campainha, anuncia a visita.

Ao entrar, todos desejam Boas Festas no que são retribuídos pelos membros da família visitada. O Senhor Padre asperge a casa com água-benta implorando protecção divina para todos os que nela habitam e cumprimentando-os a todos desejando as bênçãos de Jesus Ressuscitado.

Em algumas casas são servidos bolos e bebidas mas este costume está a cair em desuso porque torna a Visita Pascal muito morosa.

Normalmente as ofertas são em dinheiro.

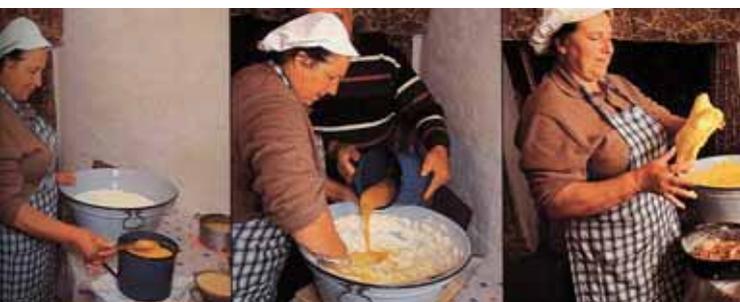
Depois dos cumprimentos, todos beijam a cruz, havendo também o costume muito louvável de os familiares e amigos irem uns a casa dos outros, juntando-se por vezes vinte pessoas. Até pessoas desavindas acontece reconciliarem-se nesse dia, perdoando-se mutuamente.

À medida que o cortejo sai de casa, os respectivos moradores saem também, acompanhando o cortejo durante o resto do percurso e entoando cânticos pascais.

Em termos gastronómicos, aqui em Trás-os-Montes, o mais comum é o tradicional foliar, tão apreciado por todos. A receita, com poucas variantes é conhecida de todas as donas de casa. Resume-se em fazer uma massa com farinha, ovos, manteiga e azeite, deixá-la levedar e recheá-la com carne curada de porco, presunto, salpicão e caça.

Usam-se muito os bolos “económicos”, os “dormidos” e os “esses”.

Muitos transmontanos que, por força das leis da vida, se encontram longe e não podem comparecer junto da família, esperam com ansiedade a encomendinha com o foliar, pois Páscoa sem foliar, para eles, não é Páscoa.



Ana



“Art. 1º - A Medicina é uma profissão ao serviço da saúde do ser humano e da colectividade e deve ser exercida sem discriminação de qualquer natureza.

Art. 2º - O alvo de toda a atenção do médico é a saúde do ser humano em benefício da qual deverá agir com o máximo de zelo e o melhor da sua capacidade profissional. (...)” Código de Ética Médica

Os profissionais da medicina, elementos chave para o bem estar do ser humano.

A nossa comunidade tem vários profissionais abnegados a trabalharem em Hospitais, Clínicas e Centros de Saúde suíços.

Solicitámos uma troca de impressões com a Senhora Dra. Ana Lourenço, médica, 39 anos, de nacionalidade e origem portuguesa e que, segundo ela, é “ *uma pessoa como tantas outras, com projectos, com vida familiar e profissional.*”

A nossa profissional de medicina nasceu onde?

Nasci em Lisboa, vivi muito tempo na zona de Benfica...

Não diga que, por coincidência, também é do Benfica?

(risos) Não, vivi em Benfica, mas por acaso não sou do Benfica. Há 12 anos que fixei residência em Genebra. Sou casada, mãe de 4 filhos e médica de profissão.

Tirou o Curso, aqui, na Suíça?

Tirei o Curso em Portugal, em Lisboa. Completei a especialidade de Ginecologia Obstetrícia no hospital distrital do Barreiro, depois continuei e acabei aqui, em Genebra.

Veio com esse objectivo definido para a Suíça?

Não, vim para Genebra para acompanhar o meu marido. Ele é Físico, trabalha no CERN (*Organisation Européenne pour la Recherche Nucléaire*). Teve a oportunidade de vir trabalhar aqui e eu acompanhei-o.

Uma vez Genebra, que hospital e que especialidade integrou?

Aqui, comecei a trabalhar, como voluntária, no HUG – *Hôpitaux Universitaires de Genève*, no serviço de Ginecologia-Obstetrícia. Como já tinha começado essa especialidade em Portugal... continuei desde então.

Mas pelo que consta não se limita só ao trabalho de consultas médicas e acompanhamento

Lourenço

Directora Clínica

dos doentes... empenha-se noutras áreas?

O meu trabalho aqui na Maternidade passou por várias fases. Desde o início que tenho dado consultas aos jovens e, neste momento, sou responsável pela Secção de Consultas para Adolescentes. É um Serviço que existe há mais de quinze anos e permite aos jovens virem expor os problemas ginecológicos que possam ter, doenças infecto-contagiosas, tumores, doenças sexualmente transmissíveis, problemas relacionados com a gravidez, com a contracepção... enfim, todos os problemas ligados à adolescência.

Também colaboramos com o Serviço de Pediatria nas consultas ginecológicas para crianças conforme as situações. Telefonam-nos e nós damos-lhes esse apoio.

Depois participo também num Projecto Transversal do Hospital.

Projecto Transversal?

No fundo é uma colaboração entre diferentes secções do Hospital. Neste caso entre o Departamento de Obstetrícia da Maternidade, as policlinicas de medicina do sector ambulatório, do sector de medicina comunitária do Hospital Cantonal - HUG e os serviços de psiquiatria. É um Centro de Consultas onde uma equipa de médicos, que apesar de trabalharem em diferentes áreas se reúnem-se e, em grupo, no chamado *Centre Santé Jeune* (espécie de clínica para adolescentes no nº 87, Bd. de la Cluse do outro lado da rua da Maternidade) debatem e analisam os casos dos utentes jovens que se dirigiram às várias secções do Hospital. Aí, os rapazes e as raparigas também podem expor todos os tipos de problemas de saúde, fazer a vacinação, vigiar o peso e, claro, problemas de fórum ginecológico.

Já vamos em três grandes actividades.

Estas são as actividades clínicas principais.

É verdade que dentro da ginecologia e obstetrícia também há actividades científicas e clínicas. Sou uma das pessoas responsáveis da consulta da contracepção para adultos e interrupção de gravidez, ou seja do planeamento familiar, aqui na Maternidade.

É uma actividade geral de ginecologia e obstetrícia, estou na sala de partos uma vez por semana. Faço intervenções ginecológicas.

Mas a Dra. Ana Lourenço também dá aulas...

Sim tenho uma actividade virada para a formação, como Chefe de Clínica que sou. Ou seja, os Chefes de Clínica, aqui na Maternidade, também dão aulas práticas e teóricas aos estudantes de medicina. E eu todas as semanas dou um curso de formação aos estudantes.

Todos nós na Maternidade estamos ligados a projectos. No meu caso, os assuntos que mais me interessam e nos quais me tenho empenhado são como disse interrupção de gravidez, infecções sexualmente transmissíveis nomeadamente nos adolescentes. São estas áreas que tenho desenvolvido em vários projectos diferentes.

Os adolescentes procuram muito esses serviços?

Sim, digamos que mais os problemas ligados à Saúde Reprodutiva, utilizando os termos da Organização Mundial da Saúde.

São temas fundamentais em todas as idades e na



Ana Lourenço - Directora Clínica

adolescência ainda se tornam mais importantes. Normalmente os jovens não têm outros problemas de saúde, têm boa forma física mas têm preocupações, e devem tê-las, relacionadas com a sua Saúde Reprodutiva, com a prevenção das infecções e gravidez.



Dos muitos adolescentes que recorrem a esses serviços, há grande ou pequena percentagem de jovens portugueses da comunidade que recorrem a esse Serviço?

Sim, sim há. É uma constatação geral quer no hospital, quer na cidade e no cantão de Genebra e na Suíça em geral, onde somos uma comunidade muito importante. Na Maternidade, ainda há pouco tempo atrás, 30% das consultas eram de doentes de nacionalidade portuguesa, nas consul-

tas de adolescentes o número é um pouco inferior. Deve andar por volta dos 20%, mesmo assim continua a ser uma fatia importante.

Se a nossa comunidade além de, infelizmente, ter esses problemas de saúde, acha que está suficientemente informada? O número de consultas é elevado e se surgem essas doenças infecto-contagiosas e sexualmente transmissíveis se calhar é por não saberem precaver-se.

A questão é interessante, sem poder basear-me num estudo que tenha sido realizado recentemente e especificamente sobre os adolescentes portugueses, a impressão com que eu fico é que têm tendência a proteger-se menos bem das infecções sexualmente transmissíveis e da gravidez. Nesse aspecto a informação não está a passar.

Houve um trabalho muito interessante realizado há quase dois anos atrás, por uma senhora enfermeira parteira no cantão de *Vaud*. Um trabalho sobre as mulheres portuguesas, nomeadamente aquelas que recorriam à interrupção de gravidez. Esta enfermeira parteira foi junto das Associações Portuguesas recreativas, culturais e outras e fez um trabalho junto da comunidade portuguesa e, com isso, houve uma diminuição, digamos assim, de gravidezes não planeadas, nos anos seguintes, nessa comunidade.

Realmente mostra que um trabalho feito directamente, no terreno, junto das associações resulta valioso. Justamente esse trabalho deu a entender que as mulheres não estavam bem informadas. E que seria preciso mobilizar estruturas da comunidade, para chegar a elas.

Mas há centenas de prospectos, pequenos filmes, publicidade, propaganda diversa sobre esses temas. Se não reparam ou não lêem, não será devido à fraca formação cultural, ao isolamento a que se



votam não inter-agindo nas campanhas feitas para esses fins no país onde, pretensamente, nos dizemos integrados?

Penso que esse é um dos factores, mas há outros. Nomeadamente o seguinte:

o Sistema Educativo suíço prevê, a diferentes níveis, sessões, digamos assim, de educação sexual. Começam na primária, e são feitas por especialistas com a colaboração dos professores e dos pais. Explicando aos pais a importância de ajudarem os filhos nos trabalhos de casa, na higiene de vida: (não mais que duas horas por dia ver televisão por exemplo, que vão para a cama a horas decentes, que tomem o pequeno almoço antes de ir para a escola...)

Todas estas coisas parecem evidentes, mas não o são assim tanto para certas comunidades.

Os diferentes temas relacionados com a Saúde Reprodutiva, são abordados de acordo com o nível das crianças. Com os de 7 anos não se discutem os mesmos assuntos que se discutem com os de 14 ou 16. E aquilo que acontece, penso eu – mas não posso basear-me num estudo que não foi feito – um dos problemas que toca a comunidade portuguesa é que muitas das nossas adolescentes portuguesas, ou não fizeram o ensino obrigatório até ao fim, ou vieram de Portugal já com ele concluído e, portanto, escaparam completamente a essas sessões de educação sexual - em Portugal ainda não se fazem nestes moldes. É por isso que, em relação às outras adolescentes que vivem aqui no cantão, têm menos informação porque não tiveram acesso a esses esclarecimentos. E penso que este é um dos problemas importantes.

Como vê a passividade do nosso Governo em não impor uma educação sexual a sério nas escolas? A estigmatização dos educadores, mesmo por parte dos pais, que se propõem fazê-lo? Não acha que a

política está a contribuir para tapar o sol com a peneira, ignorar o que entra pelos olhos dentro?

Eu acho que os políticos estão a comportar-se como se não existissem estudos científicos que provam que a educação sexual não só é necessária, como permite evitar muitos problemas de saúde aos adolescentes, aos adultos e à comunidade em geral.

Os políticos ignoram ou querem ignorar esses estudos que foram feitos, publicados e são conhecidos. Olhe, basta ir à Internet para se ter logo acesso a eles.

Eles tomam decisões influenciados por agendas que são agendas políticas e não questões profundas de prevenção e saúde pública. Os políticos, como frisou, têm tendência a tapar o sol com a peneira e, por vezes, decidem: - *Vamos gastar tantos milhões em cartazes a dizer isto ou aquilo*. Mas isso não, não funciona! De facto há um trabalho que se pode fazer com as associações, porque têm no seu seio pessoas de referência que podem servir de exemplo para os jovens e fazer passar as mensagens e informações através delas. Como dissemos muitos adolescentes não tiveram oportunidade de frequentar aulas onde havia educação sexual de base. Num país como Portugal onde existem ainda imensos analfabetos e inúmeras pessoas que apesar de saberem ler e escrever, não conseguem interpretar as mensagens que são veiculadas pelos cartazes, não resulta. À vezes até as imagens os ofendem, muito antes de compreenderem o que o cartaz quer dizer! De facto, em Portugal, seria preciso perceber-se que as coisas funcionam desta maneira e, a seguir, trabalhar com programas em certos pontos mais críticos dos bairros, das cidades e das comunidades; programas que começassem já na escola primária. O que eu estou a dizer não é nada de excepcional, são coisas conhecidas, publicadas. Toda a gente tem acesso a elas.



Muitos políticos é que têm tendência a ignorá-las. Ou porque não querem saber, ou porque não sabem e não procuram informar-se.

Talvez por não querem levantar ondas ou talvez porque há poucas mulheres políticas...

(risos). Há mulheres sim, que estão empenhadas na luta por essas condições, é pena serem poucas. Há muitos adolescentes e mulheres que não têm o mínimo de informação e as associações podiam fazer o trabalho de divulgação e apoio.

Não acha que há muita hipocrisia à mistura? Veja-se o tema do aborto, em Portugal. A luta arrasta-se há anos. Depois vem “jogo” do referendo, do não referendo, da punição judicial de mulheres que optaram pela interrupção voluntária da gravidez enfim...parece um circo...!

Em relação a isso eu poderia responder da mesma maneira. A interrupção da gravidez é uma questão muito complexa, mas antes de tudo é uma questão de saúde pública. E deve ser encarada como tal. E o problema dos nossos políticos é justamente o não encararem desse ponto de vista. E, portanto, tomam medidas que são hipócritas e

que têm consequências gravíssimas sobre a saúde das mulheres e das crianças.

Os políticos funcionam como se eles pudessem decidir daquilo que as mulheres podem ou não podem fazer.

Ora, com lei ou sem lei, elas vão fazer as coisas que precisam de fazer. É pelo facto de não haver uma política aberta, clara e segura de interrupção de gravidez que se está a favorecer as interrupções de gravidez clandestinas.

Existem aos milhares em Portugal e toda a gente tem conhecimento disso, feitas em muito más condições o que acarreta complicações gravíssimas. Daí resulta, também e o tráfico de doentes entre Portugal e Espanha e outros países onde as doentes vão fazer as interrupções de gravidez em melhores condições, felizmente para elas. As que são feitas em Portugal, em clínicas privadas, por vezes também são em más condições.

Portanto o Governo sabe que isto existe e continua, e apesar disso, a tomar medidas que não fazem sentido.

Portugal é um país de contrastes, até no respeitante à homossexualidade e a adopção de filhos por casais homossexuais. Nesta matéria estamos ao nível de outros países, enquanto que no problema do aborto, a nível da Europa, somos um país mais retrogrado. É, portanto, a favor de uma maior abertura política sobre este problema e da educação sexual?

As duas coisas são necessárias porque, na verdade, se uma mulher, um casal puder evitar recorrer a uma interrupção de gravidez, é melhor para eles, para os médicos, e melhor para o sistema de saúde.

Ana Lourenço – Directora Clínica

A educação sexual é fundamental para evitar e diminuir o número de mulheres que têm necessidade de recorrer a esse processo.

Quando digo educação, também digo apoios sociais. mas mesmo que se encontre um sistema perfeito ou quase perfeito de educação e sistemas de apoios sociais importantes e que funcionem - que não é fácil - mas temos modelos noutros países europeus para vermos como as coisas podem funcionar. Pois mesmo que encontremos essas soluções ideais para o problema, a necessidade de haver um serviço seguro e eficaz de interrupção da gravidez é fundamental e sempre necessário. Porque há e haverá sempre gravidezes não qualificadas? Porque os métodos contraceptivos são falíveis; porque as pessoas são humanas e têm comportamentos de risco. Mas não devem, por essas razões sofrer consequências que podem ser irreversíveis para a sua saúde mental, física e psíquica. E que as tais ditas leis incoerentes as obrigam a sofrer essas consequências.

Ficando também com estigma social, digamos...

E não só estigma social. É também um caso médico. Em Portugal, há 12 anos - portanto não são assim tantos anos atrás, quando trabalhava lá - praticamente todas as semanas, via e contactava com pessoas com complicações, algumas delas gravíssimas, motivadas por interrupções de gravidezes clandestinas.

As doentes passavam dias internadas nos serviços de cuidados intensivos e tinham que sofrer várias operações porque tinham realmente complicações gravíssimas. Isto torna-se impossível. Não pode continuar. O Governo não pode continuar a fechar os olhos a estas situações.

Esperemos que os políticos “acordem” antes que seja tarde....

E agora sobre o dia-a-dia da Dra. Ana Lourenço. Consegue coordenar as múltiplas tarefas profissionais com a vida familiar? Tem espaço para tudo? Como mãe de quatro filhos... Como é?



Quatro filhos sim, o mais velho tem dezasseis anos e meio, tenho uma de treze anos e dois bebés de dois anos, gémeos.

Como é que esta mamã consegue gerir o tempo e as actividades profissionais e familiares onde tanto se investe?

É muito difícil, é preciso uma grande ginástica mental, física e uma grande logística, tudo... Neste momento não estou a trabalhar a 100%, estou a tempo parcial e vou fazendo o que posso.

Ana Lourenço - Directora Clínica

O seu casal é moderno? Tem tarefas domésticas partilhadas?

O meu marido, como disse atrás, é Físico e, olhe, somos um casal dos nossos dias que procura adoptar soluções aos problemas que vamos encontrando. E as soluções de hoje não são as mesmas de há 5 anos, encontramos outras.

Vamos sendo flexíveis e penso que esta é a palavra chave – ser flexível, não ter uma visão completamente bloqueada e rígida da maneira como as coisas devem funcionar.

Vai continuar em Genebra? Já está radicada ou pensa um dia regressar a Portugal?

Eu costumo dizer que vou voltar para Portugal daqui a 2 anos, mas desde há doze anos que venho dizendo isso...

O meu projecto realmente é voltar a Portugal mas não tenho data, por razões profissionais nós continuamos em Genebra, principalmente ligadas à profissão do meu marido embora eu também tenha uma grande satisfação profissional no que estou a fazer aqui, neste momento.

Mas é verdade que isto nos impede de ter um projecto definido do regresso ao país.

Acha que em Portugal encontrará o mesmo esquema perfeccionista que é apanágio dos suíços.

Por acaso aqui no nosso hospital respira-se tranquilidade, calma, tudo sincronizado, correcto, com tempo e espaço definidos, organização extrema... Vou-lhe dizer o que eu acho do sistema de saúde em Portugal. Nós temos, em Portugal, excelentes profissionais. Excelentes médicos, excelentes enfermeiros, excelentes técnicos, digamos profissionais de alto nível. Mas temos serviços, muitos deles - não direi todos, há sempre excepções - que

não estão organizados como deveriam estar. Há um trabalho, um esforço enorme que tem que ser feito para a mobilização e motivação das equipas de profissionais e da organização. Mas, em termos profissionais, volto a referir, nós estamos muito bem servidos. Agora em termos de funcionamento...! As coisas não funcionam como poderiam funcionar e muitas vezes os próprios profissionais estão desanimados, não são incentivados, desmotivam, por razões de políticas de saúde e por razões administrativas e pela forma como os hospitais e centros de saúde são geridos. E é uma pena, porque o factor humano é sempre o mais importante, e esse factor, nós têmo-lo, competente, bem formado e em número suficiente. A estrutura é que não está organizada em si.

Creio que todos nós já passámos pelas eternas filas, longas horas de espera para a consulta marcada, que era para as 9h. mas chegam as 11h. e nada. Com sorte talvez se alcance às duas da tarde, ou vêm informar que fica adiada para o próximo mês. É revoltante, não acha?





Isso é a tal falta de organização mas não é em todos os serviços. Olhe eu ainda era estudante de medicina e já no hospital de Santa Maria havia um serviço, o de dermatologia, em que os doentes tinham consulta marcada aos quartos de hora. Os doentes não ficavam mais de 10 minutos à espera da sua vez, e isto foi há 20 anos atrás. Porquê? Porque o Director de Serviço entendeu que era necessário organizar as coisas de uma maneira inteligente e eficaz e assim fez. Não sei como está neste momento, mas sei que era assim e naquela altura espantava-me pela eficiência e organização comparada com outros serviços. Há outros serviços em certos hospitais que já estão melhor organizados. Mas é verdade que a maior parte deles, infelizmente, ainda continuam a funcionar nesses termos. Mas não deveria ser assim.

Será o conformismo dos portugueses, que deixa arrastar esta situação? Conformamo-nos com tudo...

Temos sim uma tendência para nos conformar. O português é bem disposto, não quer arranjar problemas.

Tão empenhada, como está no trabalho com adolescentes, gostaria de deixar uma mensagem aos jovens da nossa comunidade?

Eu penso que os jovens da comunidade portuguesa, que vivem na Suíça, têm um problema que ainda não abordámos, mas que me preocupa bastante. São jovens com imensas capacidades, mas, por razões diferentes e variadas, têm tendência

para não se valorizarem a si próprios. São jovens que, muitas vezes, inseridos no ensino obrigatório suíço, não trabalham como podiam fazê-lo para adquirir uma formação, desenvolver as capacidades de trabalho que possuem. Daí acabarem, muitas vezes, a fazer trabalhos, que também são importantes em si, mas talvez não tão satisfatórios como os que poderiam fazer se tivessem investido mais na sua formação, na sua carreira e mais apoiados nesse sentido.

Eu tenho contacto com adolescentes que estão ainda no ensino obrigatório e por circunstâncias diversas pensam pouco no futuro, numa carreira profissional.

Acha então que os objectivos são limitados: arranjar um empregozinho com pouco esforço e empenharem-se o mínimo e o resto mais nada?

Têm pouca confiança e projecção no futuro e é uma pena. Muitos desses jovens vão acabar por não fazerem formações profissionais que poderiam ter feito, e por isso mesmo vão encontrar profissões que são menos satisfatórias.

Talvez resulte também da falta de integração que nós dizemos ter mas, no fundo, o português não está bem integrado...

A grande maioria não está bem integrada. Está sempre a pensar em Portugal. Talvez não levem o ensino suíço a sério porque estão sempre a pensar no regresso. É verdade e é pena.

Apesar de haver problemas em todos os sistemas de educação /ensino, em todos os países.

Ana Lourenço - Directora Clínica

Há uma qualidade relativamente elevada no sistema de ensino suíço e é uma pena os nossos jovens portugueses não aproveitarem melhor essa oportunidade. Eu conheço adolescentes de origem portuguesa que acabaram o ensino obrigatório, depois foram para os colégios, e estão neste momento a fazer cursos universitários. Mas é uma minoria e pouco representativa. Se os jovens tirassem melhor proveito deste sistema educativo, uma vez em Portugal, teriam mais oportunidades com esses conhecimentos. A formação hoje em dia, na nossa sociedade é um elemento chave para o sucesso profissional. Se já com formação se notam dificuldades, então sem formação vai ser cada vez mais difícil. E sem acrescentar muito mais, digo que o sistema de educação suíço tem os seus problemas, mas as universidades, institutos politécnicos e a comunidade científica suíça têm o

maior número de prémios Nobel *per capita* e isso não é um pequeno pormenor para um pequeno país. Isto mostra o nível de excelência em termos de formação que existe aqui. O *Einstein* fez aqui os estudos. É um ensino que potencialmente pode ser extremamente interessante e formativo e eles podiam aproveitar isso.

Há ainda muito que fazer no respeitante à população juvenil?

Há coisas que se deviam fazer e não se fazem. Há vários estudos que mostram que dar informação só por si, não chega. Isto é uma noção muito importante e os políticos, por vezes, nem fazem ideia. Nomeadamente em Portugal gastam-se milhões em campanhas publicitárias, posters, blá, blá blás, mas, a verdade, perante os estudos científicos feitos, mostram que as pessoas não mudam o seu comportamento porque vêm um cartaz que está a dizer que se use preservativo, por exemplo...

No que diz respeito à gravidez - estamos a falar em adolescentes - aqui o que nos preocupa mais são duas coisas, a primeira: prevenção da gravidez na adolescência. Porquê? Porque sabemos que as jovens adolescentes que se encontram grávidas e que têm filhos muito jovens têm vidas difíceis e complicadas. A não ser que tenham possibilidade de serem ajudadas pela família, o que está longe de ser um caso habitual. Não acabam a sua formação, depois tem empregos precários, ganham mal. Muitas vezes os casais separam-se porque são muito jovens, e acabam por ser mães solteiras e os filhos acabam por ter vidas difíceis também. É um ciclo vicioso de pobreza. E o pior é quando elas se põem nesta situação intencionalmente. A maior parte das adolescentes em Portugal - isto baseado num estudo feito há 2 ou 3 anos - têm filhos porque quiseram. Não foi por falta de informação, nem por falta de acesso à contraceção. Foi porque aos 16 ou 17 anos de toda a maneira já não





Maternidade de Genebra

iam mais à escola, não era coisa que lhes interessava e o facto de se tornarem mães, para elas, representava um projecto de valorização pessoal quando não tinham outro.

É verdade que as nossas mães adolescentes, são mães porque segundo a visão delas, nessa altura, não tinham outras soluções mais interessantes.

Mas isto não é só em Portugal que acontece. É assim em outros países. Um dos países onde o problema da gravidez é mais importante é nos Estados Unidos. As adolescentes são mães muito cedo porque querem.

A grande parte dos estudos sobre este problema foi feita no Canadá e Estados Unidos, para se tentar ver como se poderia diminuir o número de gravidezes na adolescência. Quase se poderá dizer que a única coisa que funciona são os projectos de apoio às famílias e às crianças a começar na escola primária. E são projectos que não têm nada a ver com a gravidez, têm a ver com motivações. Motivar os pais para ajudarem os filhos na escola. Motivar as crianças e adolescentes para terem projectos. Motivá-los para terem maior auto-estima. Serem capazes de se projectarem no futuro e de se imaginarem com uma carreira, um projecto de vida outro que não seja ter um filho, para as raparigas. E isto digamos, são as políticas que funcionam. E depois, é claro, se a pessoa tem um projecto, seja de acabar os estudos, seja de investir-se aqui e ali... Quando tem um namorado, ela própria, vai procurar uma contracepção eficaz, vai procurar proteger-se melhor das doenças sexualmente transmissíveis, da Sida e de outras. Vai utilizar mais a pílula, mais o preservativo e assim,

indirectamente, reduzem-se gravidezes indesejadas e há menos infecções.

O programa em si, como se vê não visava especificamente os adolescentes, embora também constasse dos objectivos.

Visava sim a auto-estima, a capacidade dos jovens se projectarem no futuro e não deixar que ficassem no vazio existencial que nas adolescentes por vezes, resulta no facto de elas quere-rem sair de casa, ter filhos para dar sentido à vida que de outra maneira não têm.

“Jovens! Auto-estimem-se, agarrem todas as possibilidades que o Ensino e a Formação Profissional lhes proporcionam.”

(Dra. Ana Lourenço)

É bom podermos contar, entre nós, com estes pilares que enriquecem a comunidade portuguesa.

A disponibilidade, o trabalho, a abnegação da Dra. Ana Lourenço impressionam. Por isso a PESSOAS congratula-se em dar a conhecer, aos leitores, Pessoas desta índole.

António Pinheiro e Luz Neto

“A Ladroeira dos

Esta frase pertence a Rafael Bordalo Pinheiro que, há cerca de 100 anos, publicou um pequeno artigo com este título a comentar, com a ironia que o caracterizava, o “salve-se quem puder” no despique entre membros do Governo para “ver” quem conseguia sacar mais do Orçamento do Estado para os próprios bolsos. A corrupção era generalizada, ou quase, pois haveria certamente excepções, mas eram tão raras que não chegavam para dar aos sucessivos Governos da época uma imagem impoluta e “decente”.

100 anos depois estamos na mesma situação. Ministros, deputados, secretários de ministérios, gestores públicos e quejandos continuam a sacar, como lhes apetece, sem dar satisfações a ninguém, sem qualquer controlo, com total liberdade e com total impunidade. Vale tudo. É um autêntico “salve-se quem puder”, ou um “FARTAR VILANAGEM!!!”. Esta **Nova Classe** [política] “à portuguesa” (segundo o conceito de *Milon Djilas*, comunista jugoslavo, que escreveu um livro com esse nome a denunciar os privilégios vergonhosos da *Numenklatura* comunista) auto-aumenta os próprios salários, auto-aumenta sem cessar os automóveis topo de gama para topo-topo de gama, para topo-topo-topo de gama, depois para topo-topo-topo-topo de gama, ambos numa ascensão imparável. Deputados e autarcas conseguem reformas obscenas ao fim de mandatos “esforçados” e ridículos de 10 ou 12 anos, enquanto que, para o comum dos portugueses, a *Numenklatura* pretende aumentar os anos de reforma para 67 ou 68 anos “porque o sistema está à beira da rotura financeira”. Felizmente esta rotura parece não tocar os carreiristas da *Numenklatura*, pois a Nova Classe estará acima da rotura, talvez por

desígnio da Divina Providência, ou das medidas que ela própria legislou e aprovou.

António Vitorino de Almeida gosta de dizer que este país “é um país de Opereta”. Eu vou mais longe. Parece-me mais apropriado dizer que “este país é uma República de Bananas” colocada, por engano, na Europa, ou seja, no lado errado do Oceano Atlântico.

Até os espanhóis olham para nós com um misto de comiseração e incredulidade. O Jornal “El País” publicou há poucas semanas um artigo de opinião em que afirmava que “Portugal parece incapaz de corrigir os defeitos estruturais que prejudicam o seu desenvolvimento”. Se eu fosse o autor desse artigo, teria acrescentado àquela frase “... porque o país necessita de se libertar primeiro da classe política parasitária que o des-governa”.

Esta observação levanta uma questão metafísica: foi a classe política que temos, incompetente, devassa e inepta que transformou este país numa república de bananas, ou, ao contrário, será a classe política apenas um reflexo do país que somos?

É como o problema do ovo e da galinha que, ao que parece, ninguém conseguiu resolver até hoje. Este exemplo inquieta-me. Estaremos nós, portugueses, igualmente condenados a viver eternamente com esta classe política sem sermos capazes de decidir a causa das nossas desgraças e dos impostos exagerados que pagamos a um estado que se mostra um Ogre insaciável?

E, embora Bordalo Pinheiro tenha escrito aquele título há 100 anos, se ele regressasse hoje ficaria atónito com o que lhe seria dado ver. Estupefacto, ele diria com incredulidade: “O país não evoluiu em 100 anos!!!”

Ministros”

Este exemplo que se segue valida o título de Rafael Bordalo Pinheiro e demonstra a sua actualidade.

Estando nós habituados a ver o Dr. Vitor Constâncio, actual Governador do Banco de Portugal, a defender, dia sim dia não, a contenção da massa salarial, em especial a dos funcionários públicos, e dado que o Governo decidiu que os assalariados que auferem o salário mínimo só podem ter aumentos equivalentes a um café por dia de trabalho efectivo, não deixou de ser uma feliz coincidência saber que os administradores do Banco de Portugal também apertam o cinto.

Pois, apertam o cinto de viaturas novinhas em folha: o governador, Vitor Constâncio, teve direito a um BMW 530 D, no valor de 67.400 euros (13.400 contos). Para dois administradores foram um Saab Sport Sedan 2.2, no valor de 37 mil euros (7400 contos) e um Volvo V40 1.9D, de 36730 euros (7363 contos). E para que o motorista do Dr. Vitor Constâncio não se sentisse diminuído também levou um Peugeot 206 color line. No Banco de Portugal existem 56 viaturas atribuídas para 1794 funcionários, o que dá um carrinho por cada 32 almas. A mesma proporção aplicada à Direcção Geral de Contribuições e Impostos (DGCI) implicaria que esta disporia de



um parque com nada menos que 406 viaturas, o que agora dava um jeitão para cumprir as últimas ordens do senhor ministro e ir a correr atrás de todos os que devem impostos para ver se davam um remendinho no buraco orçamental.

E se aplicado aos 700.000 funcionários públicos isso implicaria que o Estado deveria ter qualquer coisa como 21.875 viaturas, o que dava ocupação à Ford Europa por uns tempinhos.

Ao que parece, o Banco de Portugal dá o exemplo de uma forma original. Quem parte e reparte e não fica com a melhor parte ou é estúpido ou não tem arte. E o Dr. Vitor Constâncio, que há uns tempos aumentou o seu próprio vencimento, porque de estúpido parece ter mesmo nada, podia andar um pouco mais calado.

Parabéns Dr. Vitor Constâncio!

A LUTA

Hermenegildo Martins nasceu e cresceu no seio de uma família, que, para a época, se pode considerar da classe média alta. Foi em 1930 que viu a luz do dia; numa época em que imensa gente andava descalça nas ruas de Lisboa, devido à pobreza reinante. O pai de Hermenegildo pertencia a uma corporação de barcos que prestavam serviços a outros que navegavam no Tejo diariamente, e nele tinha um lugar importante. Usufruíu um vencimento acima da média e até pelo facto de usar farda azul com botões dourados adquirira um certo estatuto social.

A infância de Hermenegildo foi despreocupada, rodeada de muito conforto e sem privações de qualquer espécie. Enquanto que a generalidade dos rapazes brincava com bolas de trapo ele via as suas a saltar. Dotado de inteligência acima da média levou os estudos liceais “com uma perna às costas”, e, seguindo a tradição da família, sentiu o chamamento do mar; foi aliás o primevo a ingressar na Escola Náutica, suplantando assim os seus antepassados na excelência da sua preparação nas artes marítimas.

Hermenegildo possuía um espírito folgazão e fazia gala em exibi-lo perante amigos, os quais mal o viam sorriam de imediato na expectativa das histórias divertidas que iriam certamente escutar. Podia talvez dizer-se que antes de sair de casa, para além de escolher a indumentária, sempre impecável, escolhia também duas ou três anedotas para o dia que teria pela frente, as quais seriam contadas aos amigos que fosse encontrando. Havia até quem, no momento de o cumprimentar, lhe perguntasse: - “Então, quais são as de hoje?”

Assim, era sempre recebido com satisfação em qualquer grupo de pessoas a que se juntasse e não era raro, no Café, haver quem, com um

desejo estampado no rosto, inquirisse: - “Sabem se o Hermenegildo vem cá hoje?”

Muitas vezes, quando se encontrava num grupo de pessoas gostava de gozar, analisando as suas reacções, após afirmar, com ar bastante compenetrado, coisas do género: - “No Norte da Itália, aí a uns quarenta quilómetros de Milão, a lampreia é cozinhada com mais sal que no Sul, na Sicília”. Os presentes, sem saberem o que dizer perante tão inesperada e despropositada revelação, limitavam-se a fazer movimentos de assentimento com a cabeça. Passados largos momentos Hermenegildo voltava à carga, dizendo, por exemplo. - “Nos Estados Unidos é interessante verificar que a pronúncia do “erre” na Costa Leste é mais suave que no Sul.” E ficava a analisar e reacção dos presentes, com imenso gozo interior, tanto mais que nunca passara da França.

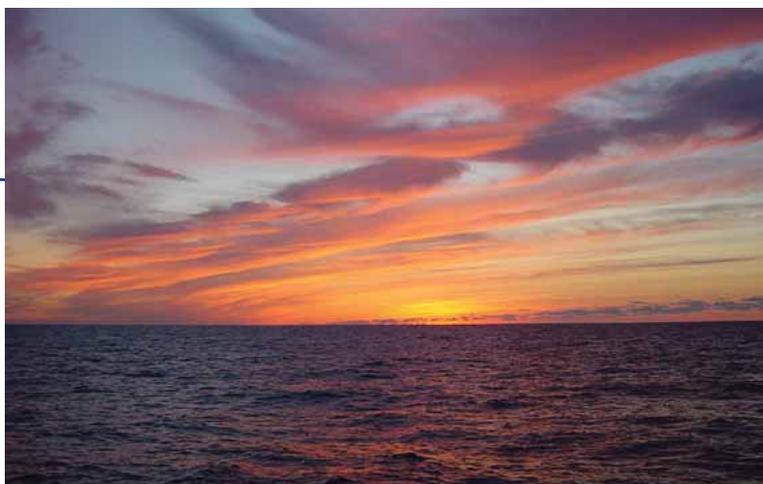
Durante anos pontificou no Tejo a bordo de navios. Na corporação a que pertencia foi subindo de posto ao longo dos anos até atingir a graduação máxima.

Nunca modificou a sua maneira de ser e até nos funerais se ansiava pela sua presença. Ou em sala própria, em casa dos defuntos, ou no exterior das igrejas, onde estivesse Hermenegildo a boa disposição imperava, tal o manancial de anedotas que dele brotava.

Um dia, já perto dos setenta anos, foi-lhe diagnosticada doença grave. Aos poucos começaram a aparecer-lhe e inchaços nas pernas, sendo, por vezes hospitalizado. Um seu genro, médico, decidiu contar-lhe a gravidade da doença e a inevitabilidade do seu agravamento.

Depois de o ouvir, Hermenegildo exclamou: - “Para já, à morte faço-lhe um grande manguito!”

E acompanhou a afirmação com o respectivo gesto, - “Se isso é assim, dar-lhe-ei muita luta! Mesmo muita!” - Foi então que os filhos viram



Hermenegildo interiorizar a ideia de que, enquanto tivesse uma tarefa para cumprir, não poderia morrer.

Certo dia dirigiu-se a uma livraria, adquiriu uma História da Literatura Portuguesa, pediu conselhos e entrou em casa com uma série de livros debaixo dos braços: - “Conhecem a Maria Velho da Costa? Conhecem? E a Lídia Jorge? Ah! Ah! Pois a partir de agora tenho muito, mesmo muito, para fazer. E aquela coisa que não me venha chatear!” - Foi esta a maneira que Hermenegildo pensou ter descoberto para lutar contra a morte.

Levantava-se cedo, vestia-se, barbeava-se como se fosse para um emprego e, por volta das oito horas da manhã, já com o pequeno-almoço tomado, entrava no seu escritório; sentava-se à secretária e punha-se a ler, pelo dia fora, de uma forma quase obsessiva. Tirava apontamentos, consultava o dicionário, sublinhava os livros, fazia anotações nas margens. À noite, se a mulher lhe perguntava se queria ver o telejornal, a resposta era geralmente: - “Não posso, estou muito ocupado!”

Pouco a pouco começou a convidar familiares para uns jantares lá em casa. Foi com grande enfado que estes começaram a aperceber-se de que as ansiadas anedotas eram substituídas por resumos e opiniões sobre os livros que andava a ler. Se posteriormente os familiares aceitavam jantar era mais por pensarem que seriam os últimos momentos que estariam com Hermenegildo.

Finda a leitura de todas as obras que adquirira pensou que seria melhor escolher um autor com obra mais vasta; retardaria deste modo o desfecho que o genro lhe dera a entender. Entrou em casa com uma série de obras de Camilo Castelo Branco...

Tempos mais tarde acordou excessivamente inchado. Antes de ser levado para o hospital disse para a mulher: - “O livro que estou a ler tem um separador a marcar a página onde fiquei. Não lhe mexas!”

Ainda hoje, passados três anos, no escritório, continua tudo como Hermenegildo deixou.

PORTUGAL CONTINUA A DAR ALEGRIAS.



SOLUÇÕES MG EMIGRANTE. TENHA ORGULHO NOS SEUS RENDIMENTOS.



MONTEPIO GERAL

HÁ VALORES QUE DURAM SEMPRE

As Festas do Divino

Se há alguma entidade que verdadeiramente congregate à sua volta todos os açorianos numa atitude de irmandade absoluta que extrapola mesmo as ilhas para passar pelas comunidades açorianas de emigrantes espalhadas por todo mundo, é, sem sombra de dúvida, o Espírito Santo.

Não há ninguém que não se sinta irmanado por um mesmo sentimento de alegria, de ressurreição interior, de paz feita expectativa à volta da Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, o Espírito, aquele que ilumina, que ama sem limites e espalha a sua Luz a todos os homens (...).

O período que decorre do Domingo da Pascoela até ao Domingo do Pentecostes é, como se sabe, o período por excelência para que se paguem promessas em honra do Divino Espírito Santo. Mesmo assim em épocas bem diversas, há quem as faça com o mesmo fervor porque, em boa verdade, em louvor do Espírito Santo, pode-se sempre comemorar porque a festa é sempre a do agradecimento interior e contrito pela força para



Império do Espírito Santo

lutar contra a dor, pela capacidade de espera em dias melhores, pela devolução da saúde ou da esperança. E são aos milhares os católicos que, no mundo inteiro, entregam a sua vida, as suas desditas, o seu desconforto, as suas alegrias e bons momentos, à bondade do Espírito Santo. Historicamente a Festa do Pentecostes está,



HORA LUSITANA

A sua emissão de rádio em português.

*Sábados e Domingos 13h / 15h
Genève, 92.2 FM - cabo 98.6*

*Comunicar é a nossa força!
Há 18 anos que em português
nos entendemos!*

Case postale 1111 • 1211 Genève 1
Tel: 022 309 09 58 / 022 309 09 59
horalusitana@radiocite.ch

Espírito Santo

julgo, agora localizada no calendário de comemorações e grandes momentos da vida dos cristãos.

As manifestações que rodeiam o Pentecostes parecem ter a sua origem na Idade Média, mais concretamente no reinado de D. Dinis e teriam sido realizadas a pedido da sua virtuosa esposa, Rainha Santa Isabel, que mais tarde viria a ser coroada, pela Igreja, em virtude da sua grande dedicação à causa dos mais pobres e necessitados. Segundo antigos cronistas, Alenquer teria sido a primeira vila portuguesa a comemorar as festas. Como todos os dados históricos, sem definição exacta, a especulação à volta do assunto aponta para mais duas localidades onde as festividades poderiam ter tido, aí, a sua origem: Coimbra e Sintra.

Julgo que não importa referir a origem mas a forma arreigada como as festividades ganharam renome nos Açores quando para aqui foram trazidas pela mão da nobreza que acompanhou os Capitães Donatários que vieram instalar-se nas nossas ilhas. Segundo reza a tradição, Santa Maria foi a primeira ilha onde a festa se realizou tendo-se aí construído uma ermida alusiva ao acontecimento. Logo a seguir teria sido a ilha Terceira de Jesus, onde já em 1492 se realizava o conhecido “Império dos Nobres”. Na ilha de São Miguel, as festas remontam ao terramoto de 1522 que arrasou Vila Franca do Campo, ao



Procissão do Espírito Santo

tempo capital da ilha. O que teria levado as populações a suplicarem misericórdia divina através do Espírito Santo. As festas foram ganhando fulgor ao longo da ilha e a história fala de uma coroação na igreja matriz de Ponta Delgada em 1973.

De ilha em ilha, ganhando aspectos diversos na forma de as realizar, de confeccionar as tradicionais “sopas dos pobres” ou mesmo nas manifestações mais profanas associadas ao culto do Divino Espírito Santo, há pontos em que os hábitos se tocam em todas as ilhas dos Açores. Normalmente cada freguesia possui uma irmandade formada por “irmãos” que são, em regra, quase todos, ou mesmo todos os habitantes da localidade que entregam as suas famílias à protecção do Divino Espírito. É de entre os irmãos que sai um mordomo e os seus auxiliares para que as comemorações do ano seguinte continuem a ter a pompa habitual. Também todas as freguesias têm um **Império**, local mais ou menos vistoso, onde estão expostas durante todo o ano as insígnias do Divino Espírito Santo que, durante o período das festas vão à igreja, acompanhadas pelas bandeiras da irmandade e pelo rufar do tambor e o toque de ferrinhos, enquanto os homens mais velhos da freguesia (denominados foliões) vão cantando a alvorada, resenha dedicada ao Espírito Santo, de forma, muitas vezes, quase ininteligível.



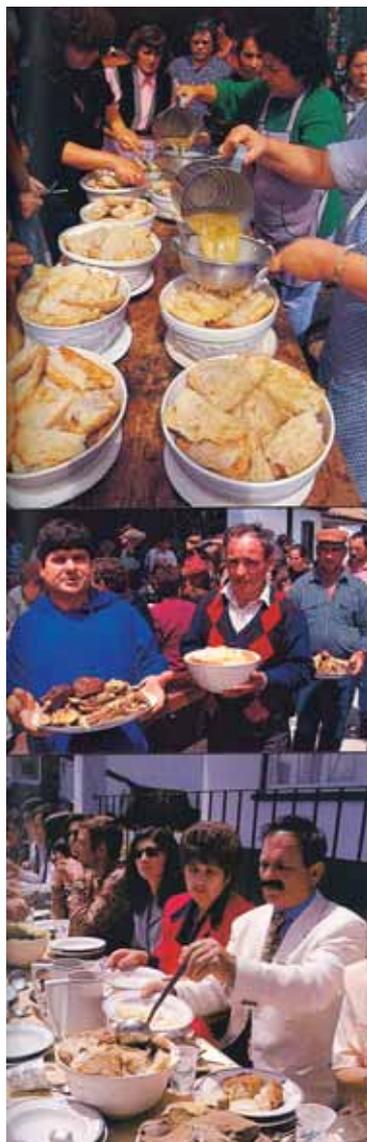
Cerimónia da coroação com a Coroa do Espírito Santo

As Festas do Divino Espírito Santo

Os Impérios são muito diferentes de ilha para ilha. A forma de distribuição das sopas e a sua confecção também são diferentes, se bem que haja em todas um traço comum: o abate do gado na sexta-feira antes do domingo em que vão ser servidas as sopas; a benção da carne; a sopa de carne cozida com o caldo em cima do pão com canela e muita hortelã; a carne cozida e assada e a massa sovada. O arroz-doce ou o cozido mais sofisticado já são variantes que acontecem apenas em algumas ilhas. Na ilha do Pico há a tradição das rosquilhas fabricadas a partir de uma massa pouca doce, distribuídas em grande abundância por todos os presentes na festa, dando mesmo lugar a uma famosa procissão em que as mulheres levam à cabeça flores de Maio, mês das rosas e do Divino Espírito Santo.

Durante quatro dias as ilhas transformam-se em santuários de fé e de alegria contagiante das promessas em que toda em a gente colabora, porque quem recebe em sua casa é o Divino Espírito Santo e a interajuda transforma-se numa atitude natural, espontânea, verdadeira e sentida por um povo que vive estas festas com anormal sentimento de partilha e fé.

Nalgumas ilhas contam-se milagres relacionados com a época e atribuídos ao Divino Espírito Santo. Isso faz com que, na altura da Festa, muitos lavradores abastados ofereçam as suas reses



Sopas do Espírito Santo

para abate e consumo nas “funções” ou “sopas” para partilharem com todos os irmãos a abundância que lhes foi concedida. Em muitas localidades são feitas coroações de crianças e de outras pessoas que o desejem. Essa coroa, idêntica à Coroa Real Portuguesa leva a concluir-se que as festas foram evoluindo ao longo dos séculos sem perderem o fulgor, a pompa, com os mesmos rituais variando pouco na forma e estilo.

Quase todas as mulheres aproveitam a época para comprarem e exibirem vestidos novos, de cores garridas, condizentes com a época mais quente, mas também porque a festa é rija e justifica o investimento.

Nalgumas ilhas, na semana do Espírito Santo a recitação do terço e a alvorada acontecem em dias alternados seguindo-se animação cultural com os presentes. Antigamente eram os jogos tradicionais, hoje em dia os jovens, em grupos, dançam ao som dos conjuntos musicais e aproveita-se

sempre para tirar partido emocional destas ocorrências onde o amor também pode acontecer.

Os serões das festas voltam a ter a doçura dos velhos tempos.

Enquanto os foliões entoam a alvorada, ou é o bodo, ou é a distração do pão doce, ou é, pura e simplesmente, a festa, na singeleza das coisas belas e puras que o tempo não perverteu porque tradições arreigadas como esta, já não são fáceis de encontrar.

Rumeur, caricature et révérence

Il aurait suffi d'encaisser le coup et personne en dehors d'un quartier danois n'aurait eu vent de l'offense de ce journaliste qui a réussi, du coup, l'éclat escompté... C'est peu dire! Un point pour la rumeur: il suffisait de se vexer pour se perdre dans les méandres de la justification qui se mord la queue; pour donner en pâture de l'argument à qui veut mordre.

Bistouri... loupe... microscope: il faut regarder plus près à l'intérieur; il faut disséquer et établir l'anamnèse de ce qui peut engendrer une guerre: à savoir la vexation, la contre-attaque. Certains gouvernements se sont épargnés une riposte à un massacre de masse... en s'excusant tout simplement d'avoir exterminé des centaines de milliers de personnes! L'excuse, qu'elle soit sincère ou non, est efficace, elle peut désarmer; elle éponge souvent des champs de bataille.

N'en va-t-il pas de même dans les rapports individuels? L'altercation entre deux automobilistes, des époux, des amis...

Poussons plus loin dans le ventre des choses: pourquoi la vexation, quel pouvoir accorde-t-on à l'offenseur? Pourquoi a-t-on besoin de se sentir offensé? Le gant est tourné! Les hormones prolifèrent! L'adrénaline monte! Et c'est l'attaquant qui en retire satisfaction.

La provocation n'est jamais anodine, elle n'est pas toujours voulue non plus. En revanche, la maîtrise de la riposte est un signe d'équilibre, de dignité. On peut aller jusqu'à dire que la responsabilité peut être imputable, non plus à celui qui attaque (qui peut-être un fou, un irresponsable, etc.) mais aussi à celui qui rétorque car celui-ci, à moins d'un harcèlement (qui rend fou à son tour), a le choix de répondre, de rire, de ne pas riposter, de rester impassible, de partir... Bref, son éventail d'action est plus large que celui du provocateur.

J'en conclus par ce raisonnement que je peux compter sur l'équilibre d'un lectorat qui ne ripostera pas.



Pessoas

Temos a certeza de que a **Pessoas** passa a fazer parte do seu dia-a-dia. Não perca tempo. Este é o cupão de assinaturas.

Preencha-o e devolva-o. **Já!**

Pessoas magazine – Case Postale 1877 – 1211 Genève 1

Nome/Non:

Morada/Adresse:

Código postal:

Tel.

Assinatura anual (Suíça) 20frs (Europa) 40frs

Assinatura anual de Apoiantes frs

Região



Suíça é considerada a *Château d'eau* da Europa devido aos seus glaciares, lagos e rios que brotam dos degelos.

A este cenário podemos juntar as albufeiras das cerca de 160 barragens que este pequeno país possui e temos a noção que a terra helvética é, de facto, a uma verdadeira “mãe d’água” da Europa.

Rondando por zonas nevadas e de altos cumes fomos ao *Valais*, característico pela diversidade geomorfológica. Dá azo a rivalidades de belezas



Valais

estonteantes entre vales, montanhas desfiladeiros e planaltos. A natureza resolveu construí-lo com todas as variantes paisagísticas possíveis. Entre cumes resplandecentes de neves eternas

abruptamente estende-se perante o visitante uma gélida e imensa albufeira, a *Grand-Dixence*.

Encontramo-la na comuna de *Héremence* e os seus 285 metros de altura barram o curso de água *Dixence* dando origem ao lago de *Dix* com 5 Km de extensão.



Barragem a *Grand Dixence*

A barragem é um colosso de betão, cujo muro, na base, atinge a largura de 193 metros e no alto 14 metros. Acumula 401 milhões de metros cúbicos de água na imensa albufeira cujas margens oferecem trilhos cuidadosamente organizados para facilitar o devaneio e a contemplação. Explicam-nos que é mais alta barragem suíça logo a seguir a *Mauvoisin* (também aqui perto, no *Valais*) que apresenta 250 metros de altitude. Por curiosidade digamos que a menos imponente é a de *Waldalp Nord* com 15 metros no cantão de *Schwyz*.

Para que os cursos de água, das zonas vizinhas, pudessem ser canalizados para a albufeira da *Grand-Dixence* foi preciso construir 100 Km de túneis o que corresponde a mais de 380 quilómetros quadrados de bacia de captação.

As águas do sopé do Monte Rosa, perto de

d'Hérens



Zermatt, que fica a 40 Km do local são também canalizadas para a *Dixence*.

A construção deste empreendimento hidráulico começou em Agosto de 1953 vindo a terminar em 67 com todas as várias secções a funcionar em pleno.

Diga-se que uma só das instalações subterrâneas, a de *Bieudron*, produz 1200 MW (equivalente à produção de uma central nuclear), a qual entra em funcionamento logo que haja necessidade de energia suplementar nas horas de ponta.

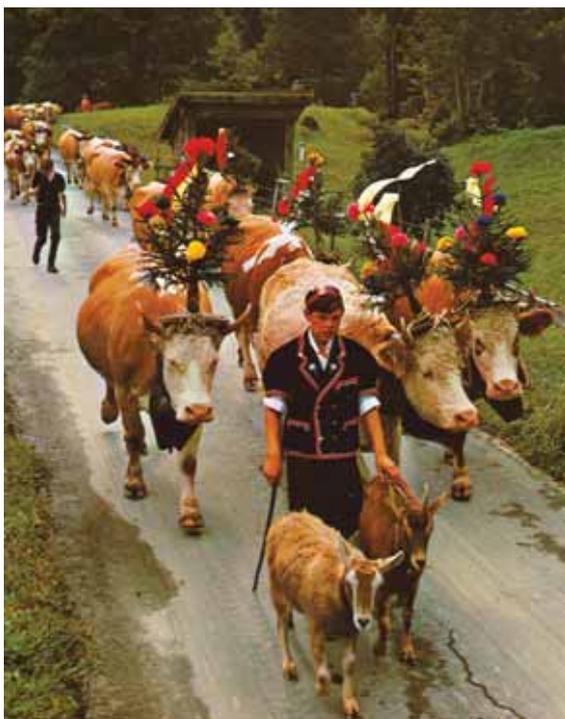


Luta de *Reines*

Percorrendo as encostas e vales da região *d'Hérens* frequentemente damos com o espectáculo migratório das manadas de bovinos e rebanhos para pastagens de maiores altitudes. É particularmente acarinhada a raça das vacas *d'Hérens*, lutadoras, aguerridas, com um temperamento muito belicoso que extravasam logo que são soltas para as pastagens. Por

isso, as *Reines* (assim denominadas), são a atracção principal em certames internacionais e nacionais. Organizam-se combates entre elas tendo em conta a idade e o peso. Depois é só assistir as justas renhidas entre estes mastodontes e esperar que o júri venha decidir quem é a “*Reine*”, quem transportará o troféu e será acolhida na povoação como uma deusa vitoriosa. Refira-se as célebres competições de luta entre “*Reines*” também organizadas no *Vál d'Aoste*, onde esta raça apresenta uma pelagem castanha e no *vallée de Chamonix*.

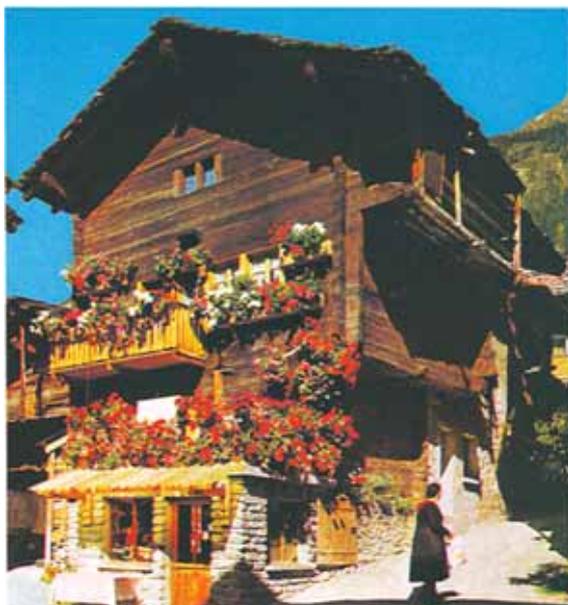
Em Maio, os animais deixam o abrigo dos estábulos empreendendo a subida até às altas pastagens (1800-2000 metros) onde permanecerão até fins de Setembro. Os guardadores e pastores, responsáveis pelas manadas, deslocam, carregando com eles os utensílios para fazer o queijo. Já se tornou célebre o transporte de enormes e pesados caldeirões queijeiros, às costas dos rijos pastores.



Descida das montanhas

Evolène outra característica vila do *Vale D'Hérens* orgulhosa do seu genuíno e muito bem conservado património arquitectónico e tradicional.

Região d'Hérens



Casa típica

A tipicidade desta povoação vai para as casas em madeira e em cujas janelas e portas se destacam os magníficos trabalhos e entalhados de madeira, esculpidos por artesãos carpinteiros e abundantemente decorados de encantadores temas campestres.

Olhe-se a igreja paroquial de *Saint-Jean-Baptiste*, o seu campanário já do final da Idade Média, continua altaneiro depois de passar pela reconstrução de 1852-53.

Zona de belas pistas de neve e de caminhos balizados para percursos de montanha. Porém o que mais atrai o turista é, sem dúvida o seu Carnaval com os “empalhados”.

Os habitantes mascararam-se de animais domésticos e ferozes (les peluches) com máscaras de madeira, artisticamente esculpidas pelos artesãos que, através delas pretendem conservar o ritual e o tradicionalismo de antanho; ou de autênticos ogres (empaillés) vestidos de palha e serapilheira. Estes mascarados percorrem lenta-



Carnaval em Evolène (les empaillés)

mente as ruas e, nos bares e restaurantes, confraternizam com os visitantes de ocasião. Parece que este cortejo consegue, através de rituais incompreensíveis para estranhos, harmonizar as forças dos espíritos malignos.

Catarina Reis



Carnaval em Evolène



Carnaval em Evolène (les peluches)

Brigada Ligeira

Nunca, uma andorinha só fez a Primavera.

Nunca, uma procissão, mesmo decorada com opas vistosas, santificou virgens de cabelo ondulado e serviu de palco para um desfile de moda.

Mas, agora que a Semana Santa se anuncia, abra os olhos para as Opas.

É lá que elas aparecem e se exibem, para manifesto esconderijo de pecados passados e para moderna afirmação de prazeres futuros. E para que aqueles que ainda não conhecem esta nossa forma de dizer coisas sérias, saibam que não “opamos” de qualquer maneira.

Opa. Esta palavra persegue-me, desde há semanas, e interroga a minha memória sobre a sua origem. Creio tê-la encontrado há muito anos, mas creio tê-la perdido, em lembranças outras, mais roçando sedas e tecidos de algodão do que atrevidas actividades financeiras. Por isso, ela aí está, a Opa, a lembrança da Opa, aparecida num rodopio de incensos e procissões, qual fumador de ópios e de drogas místicas. Opa. Opar, verbo com consonâncias exacerbadamente eróticas e indecentes, mesmo se não sei bem as razões que me levam a afirmar tal disparate. Parece que a palavra vem do grego, *opé*, que quer dizer buraco! Pelo sim pelo não, nas bracarenses procissões da Semana Santa, não faltarão Opas e opados, pedindo perdões e decidindo melhor vida, aos olhos do Senhor! Eu deduzo que o fazem só por causa dos buracos, dos buracos da alma e das estradas, dos buracos do casamento e do divórcio, dos buracos da mentira e da infidelidade terrena. Por isso mesmo, não são essas procissões, uma Opa hostil, uma Oferta Pública de Aquisição de um bocadinho de céu ou de um pouco mais de virgindade? Ou desfilarem de opa às costas, não será uma Opa amigável, sedutora, redentora, sentida de amarguras e promissora de vidas mais limpas e sem buracos? As Opas, dizem os dicionários são um substantivo feminino, uma “*espécie de capa sem mangas, que tem, no lugar destas, buracos por onde se enfiam os braços, e é usada em actos solenes pelos membros de irmandades e confrarias religiosas*”. Em actos solenes, diz o texto. Porque uma Opa é para isso mesmo: solenidades e comemorações importantes. Como a que o Governo celebra nestes dias: um ano à frente (e atrás) dos destinos do país merece uma Opa

(Oferta Pública de Admiração). Todos os Ministros de Opa, desfilando em silêncio, solidários em irmandade socialista, graves no ritmo e ligeiros na esperança...seria um exemplo a seguir por todos os que ainda não são governo. Um exemplo de seriedade e de reconhecimento dos seus próprios erros e pecados.

Ora se as coisas fossem feitas com seriedade, tudo seria diferente. Não dizem que as Opas que andam por aí são exemplo, dessa seriedade profunda, de que o país precisa? Os exemplos estão à vista de todos: não ficará o país mais reconhecido e as almas mais reconciliadas com a Opa da Sonae sobre Portugal Telecom e a do Banco Comercial Português (BCP) sobre o Banco Português de Investimento (BPI)? Não ficaria a comunidade portuguesa, residente no estrangeiro, mais reconhecida se fosse lançada uma Opa hostil, hostilíssima, sobre a RTP Internacional? Ou melhor ainda, não ficaria o país mais culto, sério e inovador se a RTP Internacional e a sua programação, ficasse ao serviço do país (governo, sindicatos, corporações, equipas de futebol, autarquias e poderes feudais, por exemplo) pelo menos, uma vez por semana? Não seria prestar um inestimável serviço ao país inteiriño, deixando-o ver, sentir, pular com a única e exclusiva programação da RTP Internacional? A quantidade de conhecimento de cada cidadão nacional, subiria em flecha, a alegria de viver faria esquecer a inflação, os aplausos da oposição deixaria o Governo perplexo e o Governo agradecerá esta benesse convidando, todos os emigrantes, para uma semana de férias, no Alentejo. A partir desse dia, o país nunca mais seria o mesmo!!!

Genève

Consulado Geral de Portugal
Cônsul Geral – Dr. Júlio Vilela
Rte. de Ferney, 220 - 1218 Grand-Saconnex
Tel. 022 791 76 36 Fax 022 791 76 38
mail@cggen.dgaccp.pt

Serviços de Ensino
Responsável Dra. Graciete Camejo
Rte. de Ferney, 220 - 1218 Grand-Saconnex
Tel. 022 798 87 66 / 67 Fax 022 798 87 68
ensinoge@hotmail.com

Livraria Camões
Bd. James Fazy, 18 - 1201 Genève
Tel 022 738 85 88 Fax 022 738 88 37
camoes@bluewin.ch

Rádio Cité - 92.2 FM /cabo 98.6
Emissão em Português
Hora Lusitana - Genève
A P I C - Association Portugaise
d'Information et Culture
Sábados e Domingos das 13.00h às 15.00h
Tel. 022 309 09 58 Fax 022 309 09 69
horalusitana@radiocite.ch

Banco Português e Investimento
R. de Lausanne, 36 - 1201 Genève
Tel. 022 906 17 90 Fax 022 906 17 93
www.bancobpi.pt

MILLENNIUM BCP
R. de Lausanne, 54 - 1202 Genève
Tel. 022 908 38 48 Fax 022 908 38 45
www.millenniumbcp.pt

Caixa Geral de Depósitos
R. de Lausanne 67-69 - 1202 Genève
Tel. 022 908 03 60 Fax 022 908 03 69
www.cgd.pt

Crédito Predial Português / Totta & Açores
Rue de Genève 134 – 1226 Thônex-Suíça
Tel. 022 348 47 64 Fax 022 349 82 44
www.totta.pt

Montepio Geral
R. Terr. du Temple, 9 - 1201 Genève
Tel. 022 731 58 00 Fax 022 731 58 04
www.montepiogeral.pt

Lausanne

(ACISPS) Associação do Comércio, Indústria
e Serviços dos Portugueses na Suíça
R. Charles Monnard, 6 - 1003 Lausanne
Tel. 021 312 04 14 Fax 021 312 04 47
www.acisps.ch - info@acisps.ch

Banco Espírito Santo
Av. Montchoisi, 15 - 1006 Lausanne
Tel. 021 614 00 14 Fax 021 614 00 15
www.bes.pt - emigr@bes.ch

MILLENNIUM BCP
Pl. Chauderon, 18 - 1002 Lausanne
Tel. 021 320 99 32 Fax 021 312 46 34
www.millenniumbcp.pt

S.E.P. VOYAGES
Av. de Montchoisi 2 - 1006 Lausanne
Tel. 021 601 08 30 Fax 021 601 08 31
agence@sep-voyages.com

Sion

Escritório Consular de Portugal
Chanceler - Rosa Paiva
Av. du Midi, 7 - 1950 Sion
Tel. 027 323 15 11/16 10 Fax 027 323 51 11
mail@cggen.dgaccp.pt

Bern

Embaixada de Portugal em Berne
Dr. Eurico Henriques Paes
Weltpoststr. 20 - 3015 Bern
Tel 031 351 17 73 Fax 031 351 44 32
mail@sceb.dgaccp.pt

Serviços de Ensino
Coordenadora - Dra. Madalena Silva
Weltpoststr. 20 - 3015 Bern
Tel. 031 352 73 49 Fax 031 351 44 32

Zurique

Consulado Geral de Portugal
Cônsul - Dr. Simeão Archer Pinto de Mesquita
Zeltweg 13 - 8032 Zurique
Tel. 044 200 30 40 Fax 044 200 30 50
mail@cgzur.dgaccp.pt

Rádio Lora - 97.5 FM - Emissão em Português
Espaço Português - Zurique
Sábado - das 15.30h às 17.00h
Tel. 044 567 24 00 Fax 044 567 24 17
www.lora.ch - programa@lora.ch

Rádio - Kanal-K - 92.2 ou 94.4 FM
Emissão em Português
Espaço Português - Aaral
Quinta-Feira - das 19.00h às 20.00h
Tel. 062 834 90 80 Fax 062 834 90 74
www.kanalk.ch - admin@kanalk.ch

MILLENNIUM BCP
Wyssgasse, 6 - 8004 Zurique
Tel. 044 296 60 40 Fax 044 240 50 45
www.millenniumbcp.pt

ICEP-Portugal
Zeltweg, 15 - 8032 Zürich
Tel. 043 268 87 68 Fax. 043 268 87 60
www.icep.pt - icep@icep.ch

TAP Air Portugal
Gotthardstr. 56 - 8002 Zürich
Tel. 043 344 38 88 Fax. 043 344 38 89
tap.switzerland@tap.pt

Agência de Viagens Félix
Dubsstrasse 47 - 8003 Zürich
Tel. 044 450 82 22 Fax 044 450 82 20
www.agenciafelix.ch

Jornais e Revistas

Boletim Informativo
Lusitano de Zürich
Birmensdorferstr. 48 - 8004 Zürich
Tel. 01 241 52 15

Gazeta Lusófona
Dir. Adelino Sá
Postfach 3010 - 6002 Luzern
Tel. 041 310 06 30 Fax 041 311 02 42
a_sa@gazetalusofona.ch
www.gazetalusofona.ch

Guia Info Shop
Dir. Carlos Lopes
Wasserfallstr. 72 A - 6390 Engelberg
Telm.079 432 13 47
www.infoshoppportugal.com

Luso Anuário
Dir. Mário Pereira
Case Postal 459 - 1226 Thônex-Suíça
Tel. 079 775 62 88
www.lusoanuario.com
lusoanuario3@msn.com

Luso Helvético
Dir. Ribeiro Santos
Case Postal, 268 - 1030 Bussigny
Tel. 021 701 95 61 Fax 021 701 95 64
director@luso-helvetico.ch
www.luso-helvetico.com

PESSOAS-magazine
Dir. António Pinheiro
Case Postal, 1877 - 1211 Genève 1
Tel. 022 738 85 25 Fax 022 738 88 37
pessoasmagazine@bluewin.ch



**Caixa Geral
de Depósitos**

HÁ MAIS NA CAIXA
DO QUE VOCÊ IMAGINA.

APRENDA PORTUGUÊS À DISTÂNCIA

Cursos de língua portuguesa para
clientes residentes no estrangeiro.

Inscreva-se através de
www.cgd.pt

Aproveite a oportunidade.

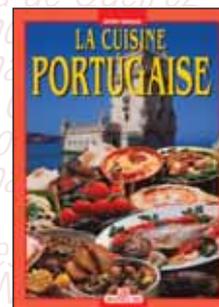
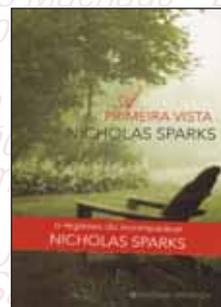
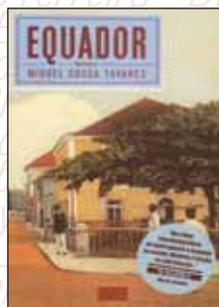
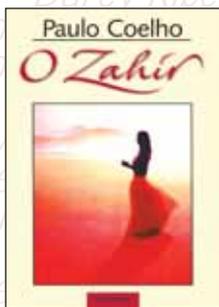
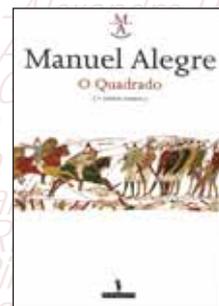
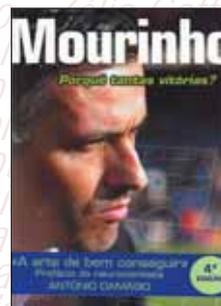
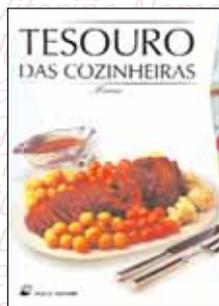
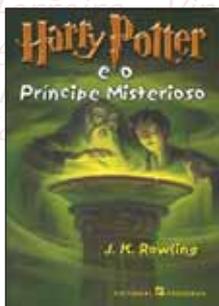
Oferta promocional limitada.

Livraria Camões



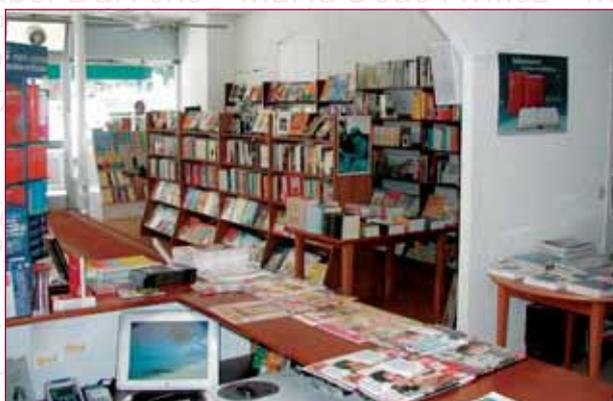
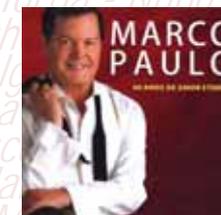
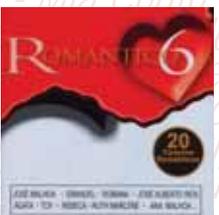
Concretize sonhos!
Ofereça livros!

Os dez mais



Música

Os Cinco mais



Literatura Portuguesa
romance, ficção, ensaio, investigação,
culinária, história, conto, aventura...
Manuais escolares e toda a música
portuguesa disponível em CD e DVD.